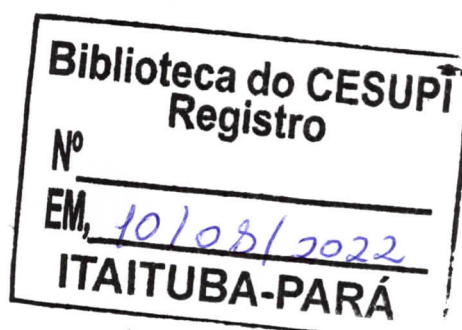




CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA – LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA – FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

THAÍS DE SOUSA SILVA MONTEIRO

ASPECTOS SEMIÓTICOS DA LINGUAGEM DE SINAIS (LIBRAS)



Itaituba – PA

2019

THAÍS DE SOUSA SILVA MONTEIRO

ASPECTOS SEMIÓTICOS DA LINGUAGEM DE SINAIS (LIBRAS)

Trabalho de conclusão de Curso (TCC)
apresentado à faculdade de Itaituba para obtenção
do título em Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Mara Aparecida Pereira do
Nascimento.

Itaituba – PA

2019

THAÍS DE SOUSA SILVA MONTEIRO

ASPECTOS SEMIÓTICOS DA LINGUAGEM DE SINAIS (LIBRAS)

Trabalho de conclusão de Curso (TCC)
apresentado à faculdade de Itaituba para obtenção
do título em Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Mara Aparecida Pereira do
Nascimento.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ Nota: _____
Prof.^a Mara Aparecida Pereira do Nascimento.

Avaliadora: _____ Nota: _____
Prof.^a Maria Danielle Lobato Paes.

Avaliadora: _____ Nota: _____
Prof.^a Raimunda Bentes.

Resultado: Aprovada

Nota: _____

Data: 16 de fevereiro de 2019.

*Dedico essa conquista ao meu filho
Santiago Vitório, meu abençoado.*

AGRADECIMENTOS

Para a realização deste trabalho foi preciso determinação, sendo que muitas vezes houveram muitos empecilhos, contratempos e falta de disponibilidade, mas todos esses motivos não impediram a conclusão desse curso. O mérito do esforço não é somente meu, portanto venham agradecer sinceramente:

Primeiramente a Deus, pela força, coragem e fé, me mantendo firme no propósito deste aprendizado.

A Instituição de ensino Faculdade de Itaituba – FAI, que pelo acolhimento e oportunidade ofertada, bem como, às professoras do curso de Letras, em especial a minha orientadora, professora Mara.

A todos os colegas de classe, pelo respeito, incentivo, batalha, coragem e esforço de cada um, em especial, Aline, Cristina, Wellerson (Juca), Kaline, Mateus e Aldeany.

Ao meu esposo , Marcos, por me incentivar e me apoiar durante essa caminhada, como também a minha querida sogra Maria Santana.

Aos meus irmãos, Thiago, Tamires, Ítalo pelo incentivo e aos meus pais, Francisco e Zenilda, por me ajudarem e por terem me ensinado desde pequena o caminho maravilhoso do estudo, como também aos meus avós, Raimunda e Odorico que me apontaram esse mesmo caminho de êxito.

Enfim, a todas as minhas amigas de coração, que torceram pelo meu sucesso.

“Quando eu aceito a língua de outra pessoa, eu aceito a pessoa. Quando eu rejeito a língua, eu rejeitei a pessoa porque a língua é parte de nós mesmos. Quando eu aceito a língua de sinais, eu aceito o surdo, e é importante ter sempre em mente que o surdo tem o direito de ser surdo. Nós não devemos mudá-los, devemos ensiná-los, ajudá-los, mas temos que permitir-lhes ser surdo.”

Terje Basilier.

RESUMO

LIBRAS, como qualquer língua, é um sistema de signos cuja origem não se dá ali, naquela língua, mas que remete a signos pré-existentes, dos quais é tradução, o que justifica-se direcionar uma pesquisa de forma mais específica ao curso de letras, no caso, análise dos aspectos semióticos da linguagem de sinais (LIBRAS), buscando compreensão quanto a quais os mecanismos de representação que essa linguagem utiliza na tradução dos fenômenos semióticos, traçando o percurso que vai desde a percepção do objeto semiótico até a construção do significado intersemiótico. Para tanto, objetivou-se analisar os aspectos semióticos da linguagem de sinais (LIBRAS), buscar conhecimentos teóricos quanto aos aspectos gerais da Semiótica e observar analiticamente como se dá a dinâmica da compreensão de LIBRAS no universo do indivíduo surdo. A metodologia utilizada compreende pesquisa bibliográfica e revisão de literatura, que será utilizada na discussão dos resultados, observando-se a semiótica da Língua de Sinais. Verificou-se que no contexto da LIBRAS os signos também são os sinais que compõem essa língua e seu o processo de significação também se dá pela dinâmica entre o representâmen, o objeto e o seu interpretante. Seus signos também possuem as qualidades representativas do ícone, índice e do símbolo. Tanto a arbitrariedade quanto a iconicidade são noções importantes para que se considere as línguas de sinais como língua. A arbitrariedade, é fundamental para a constituição desse sistema linguístico. Por meio da pesquisa realizada ficou claro que a LIBRAS não é mímica ou simplesmente gestos. LIBRAS é uma língua, visto que possui elementos linguísticos de uma língua, composta pelos níveis fonológico, morfológico, sintático e o semântico e, sendo uma língua como qualquer outra tem modificações com o surgimento de novos sinais. Compreendeu-se também que a LIBRAS é uma língua de integração dos surdos na sociedade, mas as conquistas alcançadas pelos surdos só se efetivaram por completo na área educacional com a presença de mais docentes com conhecimento de LIBRAS, que atuem como intérpretes mediadores.

Palavras-chave: Letras. Libras. Semiótica. Universo. Indivíduo. Surdo.

ABSTRACT

LIBRAS, like any language, is a system of signs whose origin does not occur there, in that language, but which refers to pre-existing signs, of which it is a translation, which justifies directing a research in a more specific way to the course of Letters, in this case, analyze the semiotic aspects of sign language (Pounds), seeking an understanding of the mechanisms of representation that this language uses in the translation of semiotic phenomena, tracing the path from the perception of the semiotic object to the construction of intersemiotic meaning. The aim of this study was to analyze the semiotic aspects of sign language (Pounds), to seek theoretical knowledge about the general aspects of Semiotics and to observe analytically how the dynamics of the understanding of pound in the universe of the deaf individual occurs. The methodology used includes bibliographical research and literature review, which will be used in the discussion of the results, observing the sign language semiotics. It was verified that in the context of the LIBRAS the signs are also the signs that make up this language and its the process of signification also occurs by the dynamics between the representam, the object and its interpretant. His signs also have the representative qualities of the icon, index, and symbol. Both arbitrariness and iconicity are important notions for the consideration of sign languages as a language. Arbitrariness is fundamental to the constitution of this linguistic system. Through the research conducted it became clear that LIBRAS is not mimicry or simply gestures. LIBRAS is a language, since it has linguistic elements of a language, composed by phonological, morphological, syntactic and semantic levels, and being a language like any other has modifications with the appearance of new signs. It was also understood that LIBRAS is a language for the integration of the deaf into society, but the achievements of the deaf were only fully realized in the educational area with the presence of more teachers with knowledge of LIBRAS, who act as mediating interpreters.

Keywords: Letters. Pounds. Semiotics. Universe. Individual. Deaf.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1 SEMIOLOGIA E SEMIÓTICA: DEFINIÇÕES	11
2.2 CONCEPÇÃO HISTÓRICA	13
2.3 PEIRCE: O PAI DA SEMIÓTICA	19
2.4 A SEMIÓTICA PEIRCEANA	21
2.4.1 A primeiridade, a secundidade e a terceiridade	23
2.4.2 Objeto, signo e representâmen	25
2.4.3 Ícone, índice e símbolo	27
2.4.4 Qualisigno, sinsigno e legsigno	31
3 METODOLOGIA	33
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	34
4.1 TRANSCORRER HISTÓRICO DA LINGUAGEM DE SINAIS (LIBRAS)	34
4.2 ASPECTOS SEMIÓTICOS DA LINGUAGEM DE SINAIS (LIBRAS)	40
5 CONCLUSÃO	48
REFERÊNCIAS	49

1 INTRODUÇÃO

O interesse pelas LIBRAS (linguagem de sinais) surgiu com a inerente disciplina ministrada no início do curso de letras que mostrou essa forma de comunicação, chamando a atenção para a relevância desse conhecimento para um futuro profissional da Educação. No entanto, ao buscar-se pela fortuna crítica do assunto na biblioteca da instituição, observou-se, que tanto em TCC's de Letras quanto de Pedagogia, o enfoque dado, repetidamente, aponta para a educação inclusiva de alunos surdos. Justifica-se então, direcionar uma pesquisa de forma mais específica ao curso de Letras, no caso, análise dos aspectos semióticos da linguagem de sinais (LIBRAS).

Objetiva-se geral e especificamente analisar os aspectos semióticos da linguagem de sinais (LIBRAS), buscar conhecimentos teóricos quanto aos aspectos gerais da Semiótica e observar analiticamente como se dá a dinâmica da compreensão de LIBRAS no universo do indivíduo surdo.

As questões norteadoras da referente pesquisa buscam informações quanto a: qual o conceito, o histórico, divisão e aplicação da Semiótica, quais os aspectos semióticos da linguagem de sinais (LIBRAS) e se a referida análise pode trazer maiores conhecimentos que possam facilitar o futuro trabalho do professor letrado nesse universo de possibilidade profissional.

De modo geral, a metodologia utilizada para esse estudo valeu-se, inicialmente, da Pesquisa bibliográfica, como procedimento técnico, identificando o significado de cada conceito-chave para a pesquisa e como estão relacionados entre si, em consonância com a linha de pesquisa e teoria adotadas pelo autor/pesquisador, seguido de Revisão de literatura usada na discussão dos resultados, referindo-se ao levantamento do assunto do tema pesquisado, abrangendo artigos, TCC's, dissertações ou teses com resultados de pesquisas, observando-se pontos de vista diversificados, tendo como base a abordagem qualitativa, de caráter subjetivo, pois o critério para a análise é valorativo e é o autor quem faz a análise dos dados coletados, buscando os conceitos, princípios, relações e significados.

A estrutura da pesquisa apresenta inicialmente a introdução que apresenta em especial a justificativa do estudo e os objetivos, em seguida a fundamentação teórica, abordando a concepção histórica, conceito, abrangência e essência da

Semiótica, em específico, a tríade de Peirce (signo, representâmen e interpretante). Na sequência informou-se mais detalhadamente a metodologia utilizada para a elaboração e concretização do estudo, culminando com a apresentação dos resultados e discussões do estudo que tiveram com enfoque o aspectos semióticos da linguagem de sinais (LIBRAS), finalizando-se com a conclusão do estudo e com a apresentação das referências utilizadas para a consulta.

As atividades de elaboração e conclusão desse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) transcorreram entre os meses de fevereiro de 2018 e fevereiro de 2019, compreendendo: escolha do tema, revisão bibliográfica, elaboração e entrega do projeto inicial, coleta de dados para análise dos aspectos semióticos da linguagem de sinais (LIBRAS), redação e correção final da monografia, apresentação para banca examinadora e correção pós-banca para entrega à instituição.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 SEMIOLOGIA E SEMIÓTICA: DEFINIÇÕES

Segundo Fidalgo e Gradim (2005), os estudos de comunicação podem ser divididos em duas correntes de investigação. Uma entende a comunicação como fluxo de informação. A outra corrente entende a comunicação como uma produção e troca de sentido o que pertence à escola semiótica, disciplina que estuda quaisquer tipo de linguagem, seja verbal (oralizada), ou não verbal (gesticulada) por exemplo, a língua de sinais (LIBRAS).

A "Semiótica é uma filosofia científica da linguagem e seu objeto de investigação são todas as linguagens possíveis" (NÖTH, 2005, p. 56), descrevendo, analisando e interpretando a dimensão representativa dos objetos, processos e fenômenos.

Assim, trata-se de uma ciência com a capacidade de explicar a diversidade de linguagens que surgiram e são veiculadas pelos meios de comunicação (MOIMAZ; MOLINA, 2009).

Conforme Pignatari (2004), a semiótica é uma ciência que propõe as ligações entre um código e outro, entre uma linguagem e outra, simbolizando de forma específica um importante vínculo entre, suas codificações, simbologias dentro de uma comunicação. Portanto, Santaella (1983, p. 1) explica que é a ciência de toda e qualquer linguagem, envolvendo conceitos para entender a natureza do signo, da significação e da comunicação.

A Semiótica é a ciência dos signos, de todas as formas de linguagem comunicativa, tanto verbal, como não verbal. "exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno de produção de significação e de sentido", descreve [...] descrever e analisar nos fenômenos sua constituição como linguagem, sua ação de signo (SANTAELLA, 2008, p. 13).

Mendes (2004) aponta que Semiótica e Semiologia são termos que se confundem, mas a Semiologia pertence à tradição de Saussure, que passou a ser considerada um subconjunto da Semiótica. Saussure desenvolveu uma semiologia relacionada à literatura, significante/significado, ou seja, o que captar do sentido das palavras, constituindo uma semântica. Mas especificamente, Saussure denominou Semiologia como uma ciência geral que tem como objeto de estudo todos os

sistemas de signos, incluindo os ritos e costumes, enfim, todos os sistemas de comunicação vigente nas sociedades.

A semiologia é o estudo dos signos especificamente criados pelos homens, e a linguística é um ramo da semiologia. Semiótica é uma filosofia científica da linguagem. Seu campo de estudo trata dos signos e dos processos significativos e da maneira como se relacionam na natureza e na cultura (semiose: criar e recriar significações) (SEMÕES, 2007, p. 28).

A diferença entre a Semiologia de Saussure da Semiótica de Peirce pode ser explicada da seguinte maneira:

- Saussure, considerado o pai da Linguística, e essa é a ciência que se ocupa do sistema de signos verbais, ou seja, palavras e seus morfemas, dessa forma uma ciência mais específica;
- Peirce, considerado pai da Semiótica, ciência que se ocupa dos sistemas de signos em geral, por exemplo, sinais de trânsito (signos visuais), baile (signos táteis), LIBRAS (sinais visuais), entre outros tantos, compreendendo então, uma ciência mais geral.

De maneira geral, tanto a Semiologia quanto a Semiótica apontam para a realidade primária da linguagem, mental ou proferida, como fruto de capacidade intelectual do ser humano, representando o mesmo campo de estudo.

Semiótica e Semiologia eram utilizadas como sinônimos, e, o que realmente diferenciava a o termos era a linha e da pesquisa, visto que a corrente europeia, liderada pela linguística de Ferdinand de Saussure, chamada de Semiologia e a corrente norte-americana de Charles Peirce, chamada de Semiótica.

Na segunda metade do século XX, os europeus Roland Barthes e Umberto Eco, entre outros, adotaram o termo Semiótica para designar seus estudos sobre os sistemas de significação, e, então, em 1969, a Associação Internacional de Estudos Semióticos optou pelo uso do termo Semiótica para denominar a ciência geral dos signos, opção que apenas padronizou o campo de estudo sem invalidar os estudos em semiológicos anteriores.

2.2 CONCEPÇÃO HISTÓRICA

Segundo Ribeiro e Sousa (2012) entre as ciências humanas, a Semiótica é considerada a mais recente e surgiu na histórica gradualmente, firmando-se após a Revolução Industrial, pelo fato de esse ter sido um momento de maior difusão de informações, conforme afirma Santaella (1984, p. 18) que “desde a Revolução Industrial a Semiótica vem se disseminando como uma necessidade para o estudo da rápida multiplicação de “linguagens e códigos, dos meios de reprodução e difusão de informações e mensagens”.

Possui três origens simultâneas, nos EUA, na União Soviética e na Europa Ocidental. Os estudos norte-americanos acerca desta ciência tem como marco O cientista-lógico-filósofo Charles Sanders Peirce.

O termo semiótica vem do grego (semeion), compreende a filosofia das linguagens ou a ciência dos signos. Um signo é definido por Peirce (2005) como aquilo que representa alguma coisa para alguém. Foram os gregos os primeiros a perceber a relação/diferença entre semeion (natureza) e symbolon (cultura).

[...] dando origem a duas linguagens: onomasiológica (de nome, objeto) e semasiológica (de palavra, conceito). Nosso espírito capta os sinais relacionais existentes na natureza (semiologia), reunindo significantes e significados, assim como constrói relações abstratas de significação (semiótica), acrescentando características e aspectos, construtos apenas imaginados pelo nosso cérebro: é o mundo cultural dos símbolos (MENDES, 2004, p. 1).

Segundo registros históricos, a semiótica teve sua origem na **Grécia Antiga**, mas apenas se desenvolveu no começo do século XX, com o trabalho de alguns pesquisadores, como o mestre da linguística e filósofo Ferdinand de Saussure (1857-1913), e Charles Peirce (1839-1914), considerado o pai da Semiótica.

Nöth (2005) apresenta breve panorama do histórico evolutivo da Semiótica informando que na **Grécia Clássica** a preocupação com a definição dos signos aparece nos Diálogos de Platão sobre Linguagem com a seguinte etimologia: Semeion = signo / Sema = sinal. Na Grécia Clássica, a Semiótica, então Semiologia, direcionava-se para análise atividade mito-poética.

Na **Idade Média**, o simbolismo se abre para ao conhecimento popular, sendo o repertório simbólico uma reação imaginativa ao sentimento de crise. Todo efeito é signo da própria causa. O símbolo transforma o fenômeno em ideia e a ideia em

uma imagem por convenção ou regra. No símbolo não existe similaridade óbvia entre o signo e o significado. A alegoria transforma o fenômeno em conceito e o conceito em imagem. O particular vale como emblema universal. Um texto diz sempre alguma coisa diferente do que parece dizer, ou seja, dizer alguma coisa diferente do sentido literal (NÖTH, 2005).

Compreende-se que a Semiologia tem suas origens remotas já vislumbrada pelos gregos Platão, Aristóteles, mas teve Santo Agostinho como principal fundador, sendo o primeiro a conceber uma teoria geral dos signos, que mais tarde foi desenvolvida por John Locke (MENDES, 2004).

Agostinho (354-430 d.C.) defendia que o texto bíblico não deve ser interpretado literalmente e sim metaforicamente. Esclarece North (2005) que Agostinho funda a teoria dos signos afirmando esses serem "toda coisa que faz vir à mente alguma coisa além da impressão que a própria coisa causa aos nossos sentidos".

No século XVII, destacam-se Francis Bacon (código binário), Thomas Hobbes, considerando os signos como rede de tramas mentais e, principalmente, na época, John Locke (1632-1704) que designava Semeiotike, a doutrina dos signos, uma ciência que estuda os signos de maneira geral, distinguindo as ideias como signos que representam as coisas e as palavras como signos que representam ideias, o que expressou em sua obra, 1690, *Essay on human understanding* (Ensaio sobre compreensão humana) (NÖTH, 2005).

No século XVIII aparece as ideias de Johann Lambert como o Tratado "Semiotik" Limiar semiótico (sensações involuntárias, signos com cognição simbólica). Para Diderot a linguagem é distorção da realidade (linguagem não verbal superior). A iconicidade é a correspondência entre signo e mundo. O símbolo é a pluralidade dos sentidos, havendo levitação do significado Revalorização da metáfora como meio do conhecimento. O discurso artístico vai se diferenciando do discurso filosófico. Estética do idealismo: autonomia (MENDES, 2004).

Semiologia e Semiótica modernas apontam para Ferdinand de Saussure 1857-1913 (Semiologia- sistema binário- Significado- Significante) e para Charles Sanders Peirce 1839-1914 (Semiótica - Sistema tríadico: Representâmen- Objeto - Interpretante). Na teoria semiológica de Saussure: Dicotomia - dois tipos de relações no signo (Relações sintagmáticas-Relações paradigmáticas).

Mais especificamente, Saussure analisa o funcionamento e organização do sistema de signos no que tange a relação de diferença que o signo estabelece com outros signos do sistema, por exemplos:

BOA NOITE diferente de **BOM DIA**.
Em português **BOA NOITE** diferente de **BOA NOITE** em inglês:
GOODEVENING para chegada, **GOOD NIGHT** – para saída,
Ou seja, a oposição que o signo estabelece.

Tabela 1: Diferença entre os signos. Fonte: Dados da pesquisa.

A composição, por exemplo: **CORUJA**: significante (a forma) significado ((interpretação) o pássaro noturno. Saussure também aponta para outros três fatores: **arbitrariedade** do signo (a liberdade de escolher o significado, e não o vínculo natural), **mutabilidade** (a aprovação coletiva) e **imutabilidade** (resistência à mudanças, e, a transformação vai depender da consagração coletiva) (NORTH, 2005).

Atualmente, destaca-se aqui Umberto Eco (1932-2016), especialista europeu em semiótica que se dedicou a resumir e clarear o conhecimento anterior, propondo que todo fenômeno cultural pode ser estudado como uma comunicação, além de introduzir novos conceitos quanto aos tipos de signos:

- Os diagramas, signos que representam relações abstratas, tais como fórmulas lógicas, químicas e algébricas;
- Os emblemas, figuras a que associamos conceitos (como exemplo cruz - cristianismo);
- Os desenhos, correspondentes aos ícones e às inferências naturais, os índices ou indícios de Peirce;
- As equivalências arbitrárias, símbolos em Peirce;
- Os sinais, como por exemplo o código da estrada, que sendo indícios, se baseiam num código ao qual estão associados um conjunto de conceitos.

Para esse estudo também se faz interessante compreender a evolução da Semiótica em alguns países da **América do sul**, em especial, no **Brasil**. A semiótica discursiva, com os estudos da Linguística de Saussure, foi introduzida com entusiasmo na América do Sul, nas décadas de 60 e 70, por conta do grande desenvolvimento do estruturalismo, em campos diversos gerando vários estudos semiológicos, conforme informa Barros (2012).

As pesquisas eram embasadas no trabalhos de Barthes, Kristeva, Todorov, Eco, Lévi-Strauss, Marin, Durand, Metz, Ruwet, entre outros. A preocupação central dos grupos que se formavam e desenvolvia pesquisas na América do Sul e nos demais países da América Latina sempre foi de explicar os processos de significação do homem e da sociedade, construir suas identidades, apontar seus traços universais e particulares, desenvolvendo, portanto, pesquisas em etnossemiótica, em sociossemiótica, em comunicação de massa, em política cultural e em literatura oral.

[...] portanto, da semiótica greimasiana, por professores e pesquisadores da América do Sul, que leram Semântica estrutural e perceberam ali uma nova forma de tratar da linguagem, e que tiveram alguma relação mais pessoal com Greimas (foram seus alunos, de forma regular ou não, na Escola de Altos Estudos em Paris ou nas visitas do mestre à América do Sul [...]) Esses primeiros entusiastas da teoria semiótica formaram uma escola de semiótica em seus países na América do Sul, pois ofereceram cursos introdutórios e avançados nas universidades em que trabalhavam, escreveram livros de fundamentos, desenvolveram aspectos teóricos e metodológicos, fizeram muitas e variadas análises, traduziram para o português e o espanhol estudos dos semioticistas franceses (BARROS, 2012, p. 153).

No **Peru**, Desiderio Blanco deu não só o impulso inicial da semiótica com rigor teórico e eficiência didática, formando a geração de semioticistas peruanos, principalmente, nas áreas de comunicação, com estudos sobre o cinema e a estética, enquanto que Raúl Buenoe e Ballón Aguirre introduziram os estudos semióticos sobretudo nas áreas de Letras e Linguística.

Em suma, a semiótica discursiva no Peru esteve ligada aos campos do conhecimento das áreas de comunicação social e aos estudos linguísticos e literários, investigando temas comuns da semiótica geral, e, examinando objetos da cultura e a sociedade peruana.

A Semiótica discursiva no **Chile**, segundo Del Villar (1998), instalou-se nos anos 60, movida pelo interesse dos estudiosos em ter teoria e método para tratar da luta ideológica e fazer crítica cultural e social por conta do período de intensa luta

por ideologias na atividade política, principalmente de 1969 a 1973. Mas, paralelamente, pequenos grupos desenvolviam pesquisas semióticas sobre Arquitetura, Literatura, Pintura e Comunicação, na Universidade do Chile e na Universidade Católica.

A partir de 1973, a Semiótica chilena voltou-se de um lado para a Literatura para a Estética do Visual e de outro, para a Semiótica das comunicações. Nos anos de 1990 houve aproximação entre Semiótica, Antropologia e Sociologia, quando também, além ligada à universidade acercou-se das empresas e dos órgãos públicos, desenvolvendo estudos sobre a publicidade, desenho gráfico, marketing e a mídia, e cresce, aquecendo a procura de semioticistas para o mercado de trabalho.

Na **Argentina**, segundo Barros (2012), a Semiótica que teve maior interesse e dedicação foi a peirceana, sobretudo, voltada para a arquitetura da comunicação, pela existência argentina de forte diálogo com os estudos das humanidades e das ciências sociais, com a Filosofia e Psicanálise. A semiótica na Argentina, também teve início nos anos de 1960, tendo sua Associação de Semiótica fundada já em 1973, bastante direcionada à semiótica literária, à comunicação de massa ou (discursividade social). A autora das informações aqui prestadas aqui, destaca a publicação (1985), de Graciela Latella, do livro de metodologia e fundamentos semióticos, com análise de textos de J. L. Borges.

Na atualidade, a Universidade argentina oferece mestrado em sociossemiótica e doutorado em semiótica geral. Na Universidade Nacional de Missões, os semioticistas interessam-se também por uma semiótica da discursividade, e, a semiótica discursiva francesa dialoga com a semiótica da cultura de Lotman e com o dialogismo de Bakhtin.

Estudiosos dedicam-se a estudos de semiótica e educação, principalmente, com projetos de alfabetização intercultural, alfabetização LIBRAS semiótica, de ensino de Leitura, a estudos de semiótica da cultura e de semiótica literária, com o exame dos discursos literários, midiáticos e sociais, havendo também grande preocupação em observar as características culturais e de linguagem da província. (BARROS, 2012).

No **Brasil**, conforme ainda as informações prestadas por Barros (2012), linguistas e estudiosos da Literatura, depois de Leituras de Semântica Estrutural, acreditaram estar no melhor caminho para examinar os sentidos dos textos os quais

representavam a sociedade e a cultura brasileiras. Portanto, esses estudiosos introduziram os estudos semióticos no Brasil, na década de sessenta Universidade de São Paulo (USP) e na Faculdade de São José do Rio Preto (a UNESP na atualidade).

Greimas, fundador da Escola de Semiótica da França na década de 60, esteve no Brasil em 1973, ministrando curso de semiótica da narrativa, dando início ao processo de institucionalização da Semiótica discursiva nos cursos de Letras, tanto em graduação quanto em de pós-graduação.

O estudo de Greimas atestava que cada ciência tem sua semiótica particular, que a estrutura narrativa se manifesta tanto no texto verbal quanto não verbal e que o signo pode ser chamado de aspecto textual, mas que Semiótica, então, não tem o signo como seu objeto mas sim os sistemas semióticos, analisando os planos de linguagem onde os signos estão inseridos (BARROS, 2012).

Dali em diante, no Brasil, surgiam pesquisadores com base nessa linha de pesquisa semiótica e na divulgação por meio do Centro de Estudos Semióticos criado em 1973, publicando a Revista Brasileira de Semiótica, levando ao surgimento de muitas gerações de semioticistas desse tronco comum.

No Centro de Estudos Semióticos, nos primeiros momentos, a formação se fazia com apostilas de semiótica, preparadas por Ignácio Assis Silva. Mais tarde, foram publicados livros de fundamentos de semiótica, de muita difusão no país: [...] Barros, *Teoria do discurso, Fundamentos semióticos*, em 1988, e *Teoria semiótica do texto*, em 1990 [...] Fiorin, *Elementos de análise do discurso*, em 1989 (BARROS, 2012, p. 157).

No decorrer do tempo, outras revistas de semiótica no país publicaram relevantes trabalhos, principalmente sobre semiótica discursiva, e, Barros (2012 p. 154) aponta como as principais CASA – Cadernos de Semiótica Aplicada (UNESP), Estudos Semióticos (USP) e Galáxia (PUC-SP). Ressalta-se que no Brasil os primeiros livros dos de fundamentos em português, apareceram no final dos anos 80.

Novos grupos de estudos trouxeram diversidade dos estudos de Semiótica discursiva no Brasil, bem como, novos caminhos para a Semiótica da comunicação e para a teórica e a aplicada, com o exame dos discursos sociais. Atualmente, há mais alguns outros livros de fundamentos semióticos em português, no Brasil (BARROS, 2012, p. 158).

Novos grupos de estudiosos e pesquisadores se constituíram centros reconhecidos de pesquisa semiótica tais como o Grupo de Estudos Semióticos da Universidade de São Paulo (GES-USP), o Centro de Pesquisas Sociosemióticas (CPS-PUC-SP), o Grupo CASA – Cadernos de Semiótica Aplicada, o Grupo de Estudos Semióticos em Comunicação (GESCom-UNESP), Grupo de Estudos em Semiótica e Discurso (SeDi - UFF) , o Laboratório SEMIOTEC – Semiótica e Tecnologia (UFMG), o Grupo de Estudos Semióticos do (SemioCE), o Grupo de Estudos Semióticos (GES - UEL), o Núcleo de Pesquisas em (NUPES - UFRJ), o Grupo de Semiótica da ANPOLL (UFRGS), o Laboratório de Estudos Semióticos das Interações de Cuidado (LESIC).

Conclui a autora supracitada que a partir da criação do Centro de Estudos Semióticos, na década de 70, a Semiótica preocupa-se com o ensino e a formação de semioticistas e com a pesquisa, tanto teórica, quanto metodológica ou aplicada. Portanto, a Semiótica no Brasil faz diálogo com disciplinas como a Sociologia, Antropologia, Retórica, Psicanálise, teorias da comunicação e das artes, estudos linguísticos e literários, inclinando-se, assim, para a análise dos discursos sociais e culturais do país.

2.3 PEIRCE: O PAI DA SEMIÓTICA

Peirce (1839 -1914) é considerado o pai da Semiótica por ter sido um dos principais estudiosos contemporâneos dos Signos, mais especificamente, o mais importante dos fundadores da moderna teoria geral da semiótica (NÖTH, 2005).

[...] em sua casa eram recebidos os mais renomados artistas e cientistas, de forma que desde criança Peirce já convivia num ambiente de natural inclinação intelectual. Tinha aspirações ao conhecimento químico desde os seis anos de idade e aos onze anos escreveu uma pequena História da Química. Sua família mantinha proximidade dos círculos acadêmicos e científicos, e em sua casa eram recebidos os mais renomados artistas e cientistas, de forma que desde criança Peirce já convivia num ambiente de natural inclinação intelectual. Tinha aspirações ao conhecimento químico desde os seis anos de idade e aos onze anos escreveu uma pequena História da Química (GOIS; GIORDAN, 2007).

Charles Sanders Peirce (1839-1914) nasceu em Cambridge, Massachusetts, nos Estados Unidos, filho de Benjamin Peirce, um importante matemático, professor na Universidade de Harvard, considerado o mais importante matemático norte-

americano de sua época, e sua família mantinha proximidade dos círculos acadêmicos e científicos.

Peirce iniciou-se como cientista-lógico-filósofo, inclusive, considerado por alguns como o maior filósofo norte-americano. Segundo Santaella (2005) na maior parte de sua vida, trabalhou como profissional a serviço do governo federal em Astronomia e Geodésica, isso durante o dia e, de 1861 a 1891, no observatório da Universidade de Harvard durante, à noite.

Conforme Gois e Giordan (2007, p. 35), a Lógica era o centro de interesse de Peirce. Sua formação básica e inicial em Química provavelmente contribuiu de maneira substancial para o desenvolvimento de sua teoria semiótica. Muitas de suas importantes teorias no campo da Semiótica ou da Lógica foram pouco conhecidas até pouco tempo atrás, isso se deu, segundo Mendes (2004) por conta de turbulências na sua vida afetiva, acadêmica e profissional, mas conforme suas teorias foram divulgadas e estudadas ganhavam importância no campo da Semiótica, da Lógica e da Filosofia, no que corroboram Gois e Giordan (2007, p. 35) comentando que “seus escritos têm recebido atenção internacional por mais de um século e contribuíram substancialmente para a base do pensamento científico moderno”.

Ele era devotado pelas ciências culturais, pela Linguística, História e pela Filologia, além de grande conhecedor sobre Crítica a Razão Pura, de Kant. Em 1879 publicou, ainda em vida *“Photometric Researches”* (Pesquisas Fotométricas), relacionada à geodesia e astronomia e, antes de sua morte deixou pronto seu segundo *“The Grand Logic”* (A Grande Lógica).

Por influência de seu pai, bacharelou-se em Física e Matemática na Universidade de Harvard, em 1859, e se graduou em Química com a qualificação *summa cum laude* (aprovado com louvor) na Lawrence Scientific School em 1863 (Sebeok e Sebeok, 1987). Peirce se considerou químico por muito tempo durante sua vida, mesmo quando sua busca científica o levou para outras áreas do conhecimento. Além da Química, ele tinha interesse em várias outras áreas do conhecimento como Matemática, Física, Astronomia, Biologia, Economia, Geodésica, Topografia, Cartografia, Linguística, Filologia, História, Arquitetura, Artes Plásticas, Quirografia, Línguas (conhecia cerca de dez), Psicologia e era um profundo conhecedor de Literatura (GOIS; GIORDAN, 2007).

Peirce também publicou vários artigos em revistas tais como *Popular Science Monthly* (1877-1878) e *The Monist* (1891-1893), mas maior parte dos seus trabalhos inéditos foram reunidos em 9 volumes e publicados entre 1931 e 1958. Ele procurou

conceituar como é possível compreender algo, comunicar e até mesmo construir ideias. Cada conceito elaborado, com formulação teórica e análise de cada um dos termos, sempre com desdobramentos, fez com que sua obra nunca fosse finalizada.

2.4 A SEMIÓTICA PEIRCEANA

Conforme Nöth (1995) para falar-se em Semiótica é imprescindível apresentar os princípios norteadores que abrange os conhecimentos teóricos de Peirce, suas atribuições semióticas, incluindo o estudo de sinais e processos de signo possibilitando indicações, analogias, simbolismos, metáfora, significações e comunicações.

A Semiótica Peirceana foi desenvolvida como uma construção arquitetônica, tendo como alicerce a Fenomenologia, uma quase-ciência que analisa e descreve as formas de percepção dos fenômenos, ou seja, ela tem como função apresentar categorias gerais sobre como a mente humana percebe aquilo que acontece a sua volta. Peirce ao desenvolver seus estudos pretendia criar uma fundamentação conceitual baseada em poucos conceitos, porém estes capazes de compreender todos os fenômenos humanos, pretensão atingida com a teoria das categorias (RIBEIRO; SOUSA, 2012, p. 3).

Para conhecer e compreender qualquer coisa, a consciência produz um signo, ou seja, um pensamento que é uma mediação irrecusável entre nós e os fenômenos (SANTAELLA, 1983).

Segundo Ribeiro e Sousa (2012) Peirce (1839-1914), em seus estudos, desejava entender os métodos de raciocínio das ciências lógicas, estabelecendo seus pontos em comum, desejo que fez surgir sua teoria geral dos signos.

Assim como Semiologia de Saussure, a doutrina teórica que estuda os signos, a Semiótica de Peirce também tem o signo como seu objeto de estudo, conforme já explanado.

Um signo é dirigindo-se a essa pessoa, esse primeiro signo criará na mente (ou semiose) dessa pessoa um signo equivalente a si mesmo ou, eventualmente, um signo mais desenvolvido. Este segundo signo criado na mente do receptor recebe a designação de *interpretante* (que não é o intérprete!), e a coisa representada recebe o nome de *objeto*, conforme (SIMÕES, 2007).

Os signos têm como característica fundamental a capacidade de representar a realidade, como por exemplo, uma fotografia, pintura cena, cena de filme, palavra,

escultura, entre outros tantos. Esclarece Simões (2007) que para Peirce o pensamento percorre um caminho triádico, então Signo, Interpretante e Objeto constituem o que é chamado de representação triádica do signo.

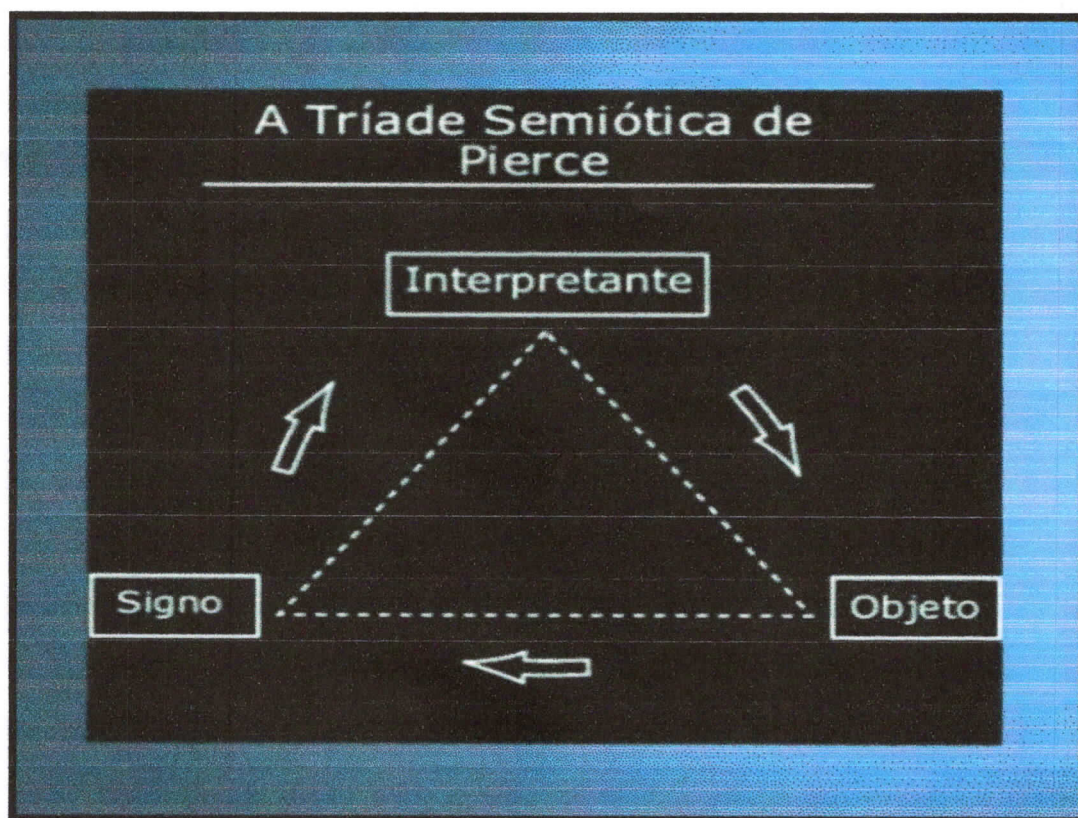


Ilustração 1 – A Tríade Semiótica de Peirce. Fonte: <http://www.avaad.ufsc.br/> (2019).

Santaella (2002), as relações semióticas triádicas envolvem basicamente o **signo** (o estímulo em si, considerado um elemento de comunicação que representa algo para alguém), o **objeto** (que o signo representa, ou *representâmen*, algo que transmitirá uma mensagem a alguém) e o **interpretante** (ou referência, que é por onde passa sua compreensão sobre a formação de conceitos, o referente, aquilo ao qual o signo realmente diz respeito, o receptor do signo, ressaltando-se palavra Peirce continuou preferindo o termo antigo Acepção).

O interpretante comporta uma divisão tripartite. O Interpretante imediato corresponde ao sentido, o interpretante dinâmico equivale ao significado e o interpretante final, à Significação. Em suma, esses três elementos da tríade têm subdivisões e conceituações, por exemplo, o signo, tem mais dez tricotomias envolvidas e sessenta e seis classes diferentes.

2.4.1 A primeiridade, a secundidade e a terceiridade

Peirce em seus escritos, designa a semiose e não o signo, seu objeto de estudo. A semiose é a produção de significados, ou seja, o processo de formação de significação onde a semiose é a “ação de qualquer signo” e o signo é “qualquer coisa que age assim” (NÖTH, 1995, p. 66). O processo de significação, a produção de significados, no que corrobora Mendes (2004) explanando que Semiótica é o estudo da construção de significado, o estudo do processo de signo (semiose) e do significado de comunicação.

Esse processo é capaz de produzir e criar signos, sendo que, há uma relação mútua entre significado e significante. Seu campo de estudo trata dos signos e dos processos significativos e da maneira como se relacionam na natureza e na cultura (semiose: criar e recriar significações) (NÖTH, 2005). Peirce, então, analisava o processo de interpretação da realidade feito pelo pensamento por meio dos signos, através de tapas denominadas semiose, compreendendo as seguintes categorias: a primeiridade, a secundidade e a terceiridade.

A **primeiridade**, segundo Santaella (2003), pelo fato de relacionar-se com uma qualidade da consciência imediata, é possível senti-la totalmente, sem dividi-la, nem analisá-la. Segundo Moimaz e Molina (2009), a experiência de primeiridade leva em consideração o signo em si mesmo; é a impressão de qualidade, a captação do fenômeno de maneira espontânea ou imediata, a ideia é a primeiridade, o ícone.

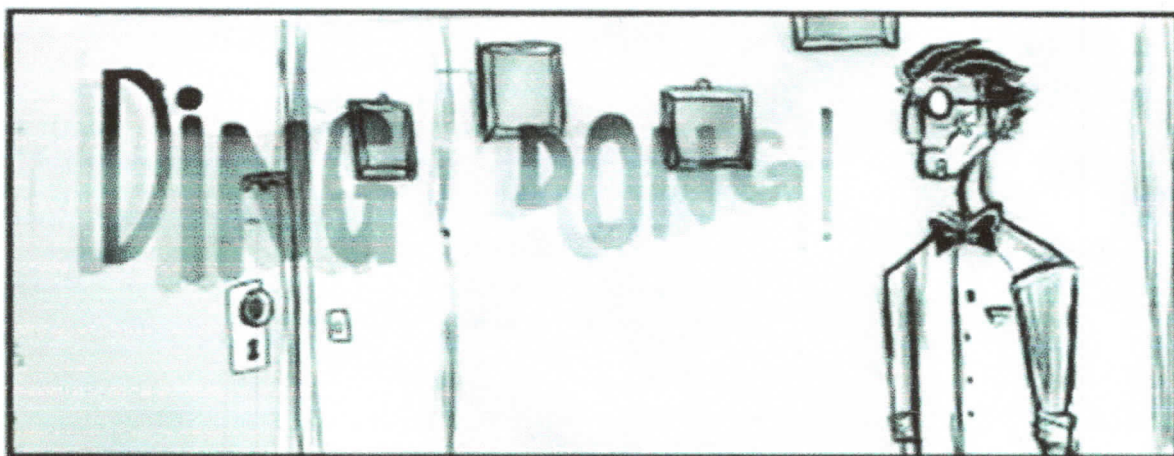


Ilustração 2 – Campainha. Fonte: <http://www.avaad.ufsc.br/> (2019).

Então, a primeiridade diz respeito a primeira impressão, ou seja, a impressão inicial e imediata, sensação da realidade, visto que o pensamento é extremamente

veloz com operações quase que imperceptíveis. Exemplo: ouço um som, ou seja, a impressão do barulho.

As autoras deixam claro que mesmo permanecendo no nível da primeiridade o receptor pode compreender as emanções dos signos.

Secundidade - diz respeito à decifração, ao momento de distinção de uma forma de outras formas. No exemplo do campainha, o que foi esse barulho, esse som, ou seja, a percepção de que não se trata de uma chaleira ou do toque do telefone, mas sim da campainha.

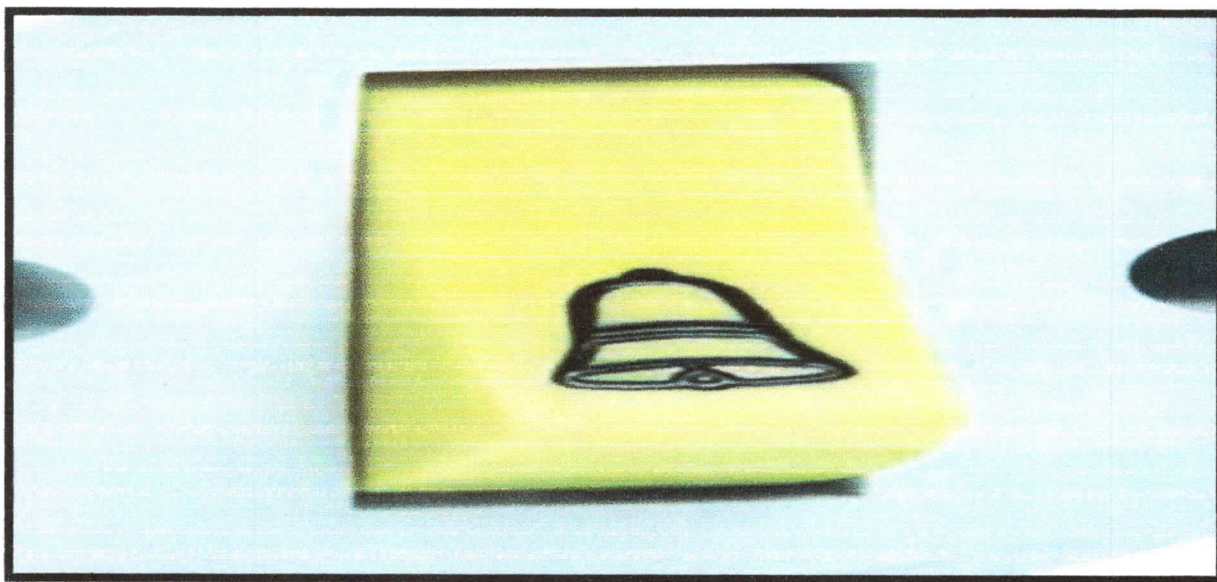


Ilustração 3 – Objeto Campainha. Fonte: <http://www.avaad.ufsc.br/> (2019).

Esclarecem Moimaz e Molina (2009) que a experiência de secundidade é a construção do signo, a consciência da parte inserida no todo, a relação com a materialidade, com a exterioridade; o signo é considerado na sua relação com o objeto e este é a secundidade (índice).

Terceiridade - no nível da terceiridade, há uma aproximação entre o primeiro e o segundo em uma camada de inteligibilidade ou pensamento em signos. Para conhecer e compreender qualquer coisa, a consciência produz um signo, ou seja, um pensamento que é uma mediação irrecusável entre nós e os fenômenos, explica Santaella (1983).

A terceiridade refere-se ao símbolo e faz a ligação entre a primeiridade e a secundidade, permitindo uma interpretação do mundo. Santaella (1984, p. 162), comenta que, na terceiridade, o signo pode ser examinado como sendo aquele que diz o tipo de efeito que está apto a produzir.

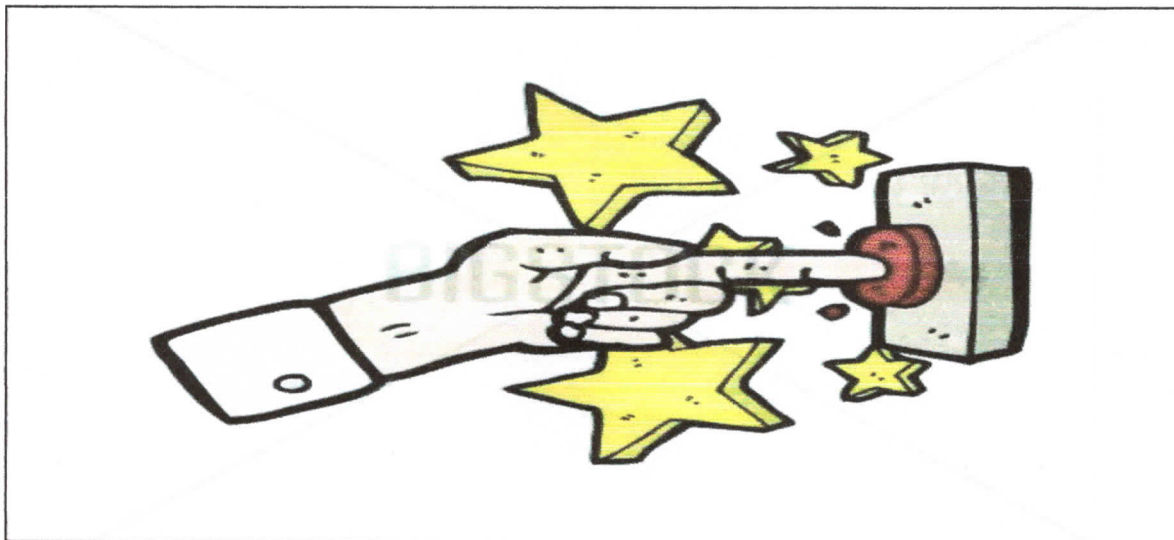


Ilustração 4 – Toque ao botão . Fonte: <http://www.avaad.ufsc.br/> (2019).

No exemplo da campainha, trata-se da conclusão de que alguém chegou, obtida por meio das etapas anteriores, primeiridade e secundidade, levando na terceiridade, com a formulação de hipóteses: Quem poderia ser? Uma visita? Um desconhecido? O carteiro? Um vendedor ? O entregador?

Tomando como exemplo a análise da pintura “Primeira Missa”, se o receptor compreender a intenção do artista, isto é, se analisar o contexto histórico em que a obra foi criada e compreender a ideia que se deseja transmitir, índios e portugueses como ancestrais da nação, terá alcançado a terceiridade. Todavia, dependendo do receptor, o interpretante pode permanecer apenas no nível da primeiridade, envolvendo-se num sentimento não-cognitivo (MOIMAZ; MOLINA, 2009, p. 584).

Segundo Santaella (2000), a semiose acontece com a mescla das três categorias: primeiridade, secundidade e terceiridade, visto que envolve elementos próprios ao sentir, assim como ao esforço interpretativo implícito na observação de um objeto, além da intenção de compreensão dos signos. Os signos podem desencadear processos interpretativos a partir dos quais o receptor pode atingir a terceiridade.

2.4.2 Objeto, signo e representâmen

Peirce desenvolveu um sistema de representação triádica (signo-objeto-pessoa), de características pragmáticas, abrangendo todos os sinais expressivos, seja da realidade natural, seja da realidade humana, bem como “das reações

comportamentais advenientes: é o campo próprio da semiótica”, como informam Moimaz e Molina (2009).

O processo de representação da realidade (semiose) aponta para o objeto, para o signo e para o representâmen. O signo tem a capacidade de representar a realidade, seja ela verdadeira ou falsa. O pensamento constrói a representação da realidade, ou seja, a semiose.

O objeto, necessário para que um signo interpretante , ou seja, que permite a interpretação, dê forma à representação dentro do pensamento, chegando a realidade concreta, ou seja, o objeto dinâmico. O signo, então projeta a representação dentro do pensamento, objeto imediato.

No exemplo da campainha, na dinâmica do pensamento observa-se a percepção do som, o fato do toque da campainha , e, alguém tocou a campainha na realidade (objeto dinâmico). As hipóteses levantadas como o amigo que se esperava é a informação interpretante.

O Signo é uma entidade que estabelece relação entre três dimensões: o seu representâmen, o seu objeto e o seu interpretante, isto é, os componentes da tríade peirceana. Um signo, ou representâmen, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria na mente dessa pessoa um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido [...] uma coisa que representa outra coisa, seu objeto” (SOUZA, 2006, p. 160).

Exemplo: uma fotografia de Peirce não se trata da pessoa desse estudioso, mas sim a representação dele.



Ilustração 5 – Charles Sanders Peirce. Fonte: <https://metaeticasite.wordpress.com/> (2019).

O signo é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. [...] representa esse objeto não em todos os aspectos, mas com referência a um tipo de ideia [...] (PIGNATARI, 2004). Então a primeiridade de um signo é a própria imagem de seu objeto, ou mais propriamente uma ideia produzida no cérebro do interpretante.

2.4.3 Ícone, índice e símbolo

Peirce também dividiu os signos segundo a sua qualidade representativa, sendo estes signos categorizados como ícones, índices e símbolos, sendo esses as diferentes formas de representação da realidade pelo signo.

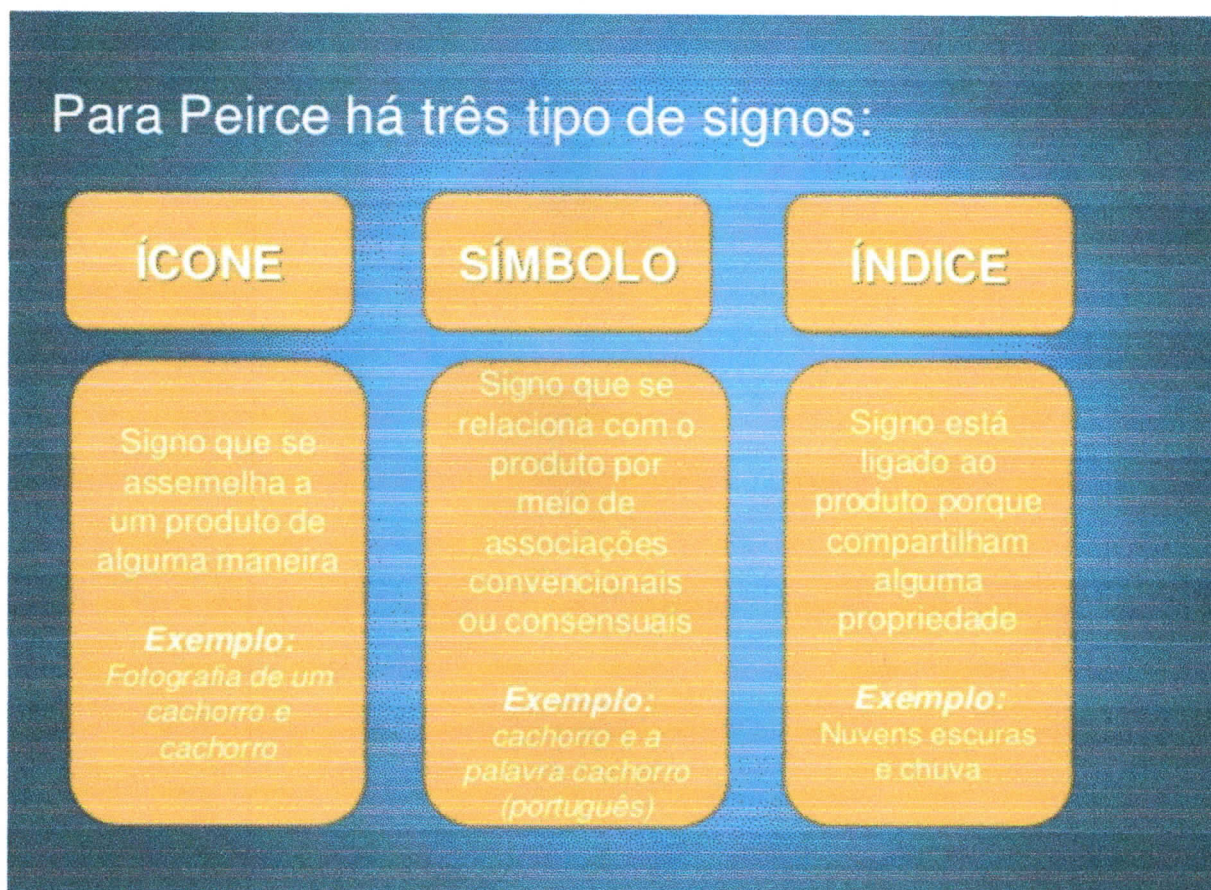


Ilustração 6 – Signos de Peirce. Fonte: <https://pt.slideshare.net/danimacedu/> (2019).

ÍCONE- Um ícone é a semelhança ou aproximação. É o representâmen que possui como qualidade a Primeiridade, ou seja, a capacidade de substituir qualquer coisa da qual compartilhe a semelhança, como exemplo, a imagem, uma fotografia um sinal de trânsito.

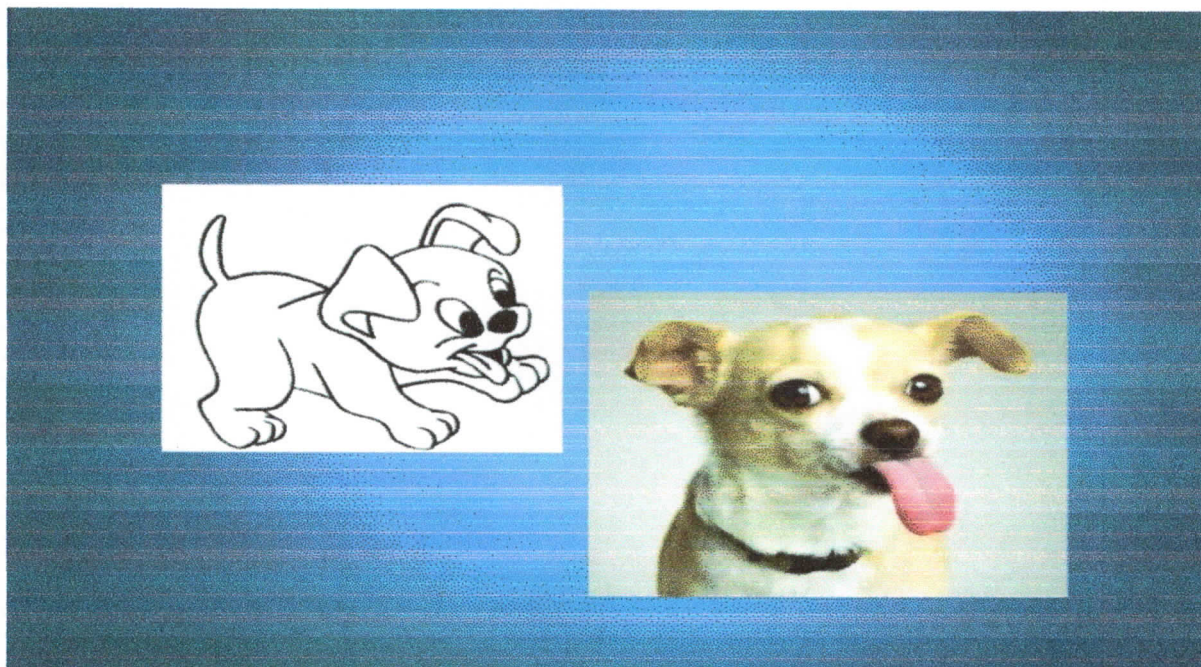


Ilustração 7 – Cachorro e o signo. Fonte: <https://pt.slideshare.net/danimacedu/> (2019).

Fotografia de um cachorro e cachorro Signo que se relaciona com o produto por meio de associações convencionais ou consensuais Exemplo: cachorro e a palavra cachorro (português) Signo está ligado ao produto porque compartilham alguma propriedade (MACÊDO, 2014).

Ícone - um signo que se refere ao Objeto que denota apenas em virtude dos seus caracteres próprios, caracteres que ele igualmente possui quer um tal Objeto realmente exista ou não; qualquer coisa, seja uma qualidade, um existente individual ou uma Lei, é Ícone de qualquer coisa, na medida em que for semelhante a essa coisa e utilizado como um seu signo (inclui, como subcategorias, as imagens, os diagramas e as metáforas; exemplos: fotografias, desenhos, diagramas, fórmulas lógicas e algébricas, imagens mentais, etc.) (SIMÕES, 2007, p. 15)

Sendo assim, um signo é icônico se ele representar o objeto principalmente por meio da similaridade, mas também por meio das analogias entre as relações, que são os diagramas; ou metáforas, que representam um paralelo com outra coisa qualquer (PIGNATARI, 2005).

ÍNDICE - No nível da secundidade está o **índice**, que tem uma relação causal, como por exemplo as pegadas na areia que tem como causa os passos de alguém, a fumaça que indica a existência de fogo no local e marcas de batom na camisa de um rapaz que tem como causa a aproximação íntima com uma moça que é um signo que representa um outro objeto com o qual ele tem uma ligação atual.

Simões (2007) corrobora conceituando índice como um signo que se refere ao Objeto que denota em virtude de ser realmente afetado por esse Objeto. Funda-se não na semelhança, como o Ícone, mas na conexão física com o Objeto; exemplos: dedo apontado para um objeto, cata-vento, fumo como sintoma do fogo, pronome /este/, referido a um objeto, os quantificadores lógicos, etc. - Símbolo: é um signo que se refere ao Objeto que denota.

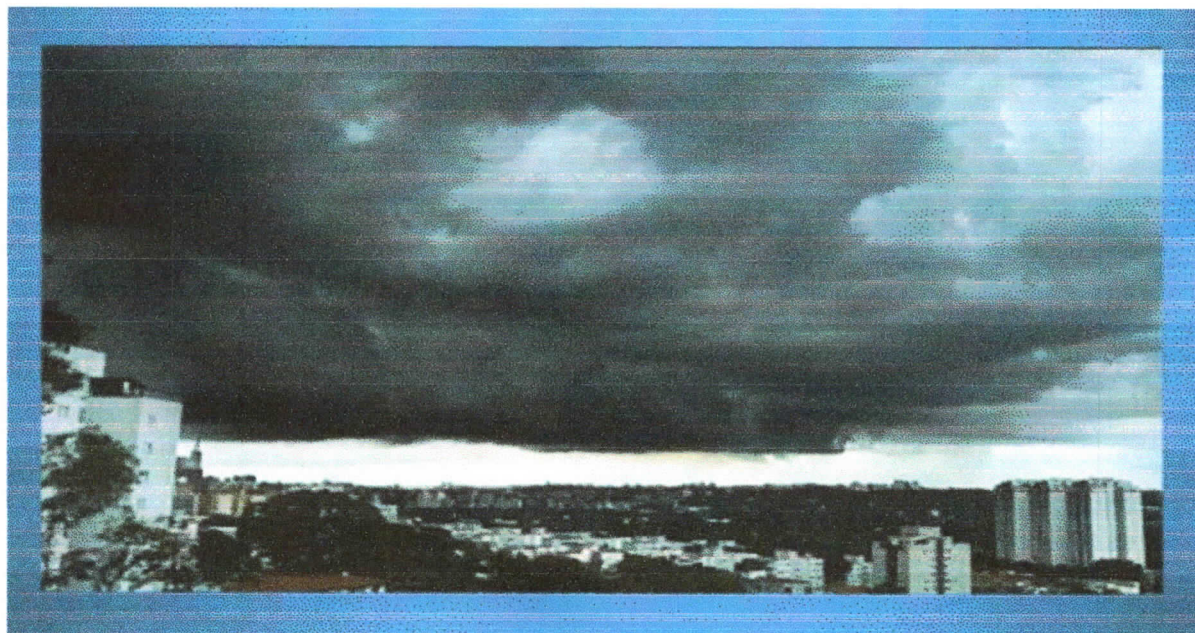


Ilustração 8 – O sinal de chuva. Fonte: <https://pt.slideshare.net/danimacedu/> (2019).

Existe uma conexão entre objeto e signo, tal como os rastros e pegadas que indicam que uma pessoa ou um animal esteve presente naquele lugar ou as cinzas que podem representar que houve fogo.

Índice: é um signo que se refere ao Objeto que denota em virtude de ser realmente afetado por esse Objeto. Funda-se não na semelhança, como o Ícone, mas na conexão física com o Objeto; exemplos: dedo apontado para um objeto, cata-vento, fumo como sintoma do fogo, pronome /este/, referido a um objeto, os quantificadores lógicos, etc. - Símbolo: é um signo que se refere ao Objeto que denota (SIMÕES, 2007, p. 18).

Qualquer artefato produzido é um índice que explicita de maneira mais ou menos direta a sua produção. No entanto, para existir o índice é necessário que haja uma mente interpretadora que faça uma conexão entre o signo (o rastro ou pegada, cinzas) e o fato (alguém passou por ali, fogo). Dessa forma, o índice nada mais é do que a constatação de uma relação física entre coisas que existem (SANTAELLA, 1983).

Para Pignatari (2004), tudo o que atrai a atenção ou surpreende pode ser considerado um índice, uma vez que estabeleça a conexão entre as partes da experiência. Um forte relâmpago supõe a ocorrência de algo, ainda que o evento seja desconhecido. Assim, pressupõe-se a ligação entre o fato ocorrido e a experiência passada.

SÍMBOLO- Neste nível está o símbolo, tem uma relação convencional, como por exemplo um símbolo religioso e as palavras de um determinado idioma. O símbolo é caracterizado como um representâmen constituído de uma Lei ou regra que determina o Interpretante.

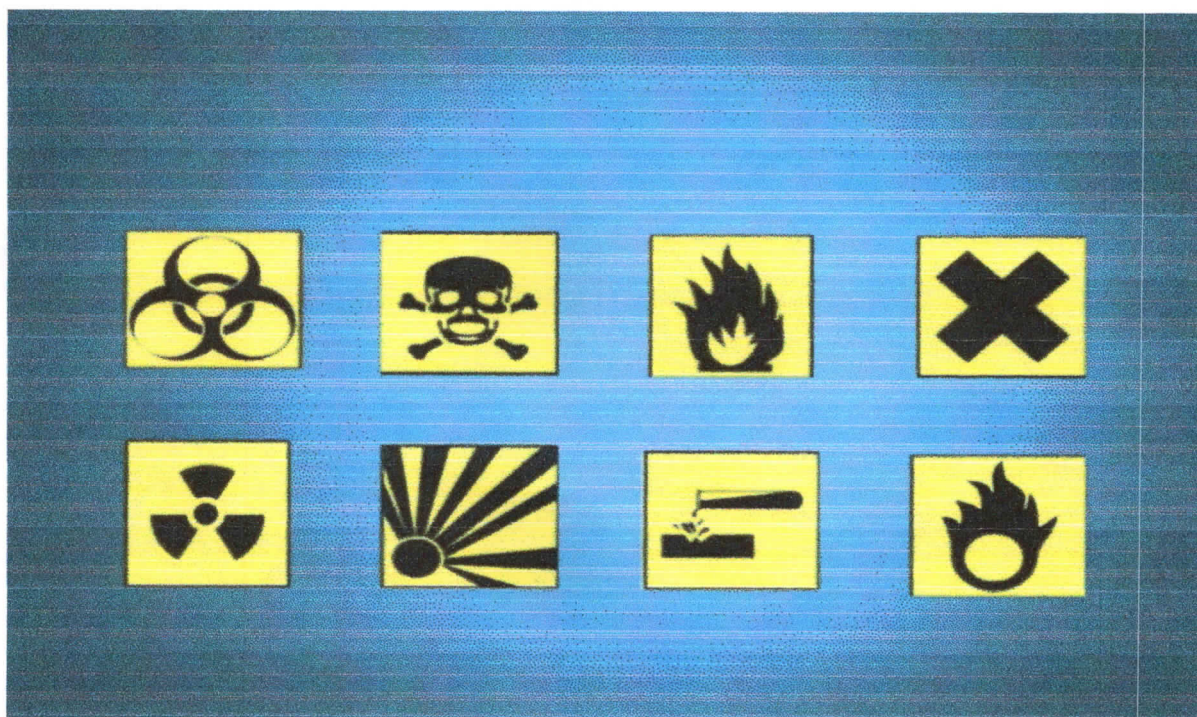


Ilustração 9 – O símbolo e o signo. Fonte: <https://pt.slideshare.net/danimacedu/> (2019).

É considerado isoladamente, signo algum tem identificação. Toda a significação do signo nasce no contexto, quer entendamos, por isso um contexto da situação ou um contexto explícito, o que vem a dar no mesmo; com efeito, num texto ilimitado, ou produtivo, um contexto situacional pode sempre ser tornado ou explícito (HJELMSLEV, 1975, p. 50).

Símbolo: é um signo que se refere ao Objeto que denota em virtude de uma Lei, normalmente uma associação de ideias gerais que opera no sentido de fazer com que o Símbolo seja interpretado como se referindo àquele Objeto. Exemplos de Peirce: todas as palavras, frases, livros e outros signos convencionais (SIMÕES, 2007, p. 18).

O objeto é representado pelo símbolo por meio de uma convenção, de um instinto natural ou de um ato intelectual, ainda que não haja qualquer relação factual ou ação entre o símbolo e este objeto.

2.4.4 Qualisigno, sinsigno e legsigno

Além da relação de sentido, segundo Moimaz e Molina (2009) o signo tem a relação consigo mesmo, relação denominada **Qualisigno** (qualidade), **sinsigno** (de existência) e **legsigno** (de Lei). Mais especificamente, Simões (2007) representa essa tricotomia do signo da seguinte maneira: Qualisigno (qualidade sgnica imediata), Sinsigno (qualidade sgnica singularizada) e Legsigno (convenção substitutiva, normas, padrões).

O **qualisigno** é uma qualidade que é um Signo, por exemplo, tom de voz, vestuário, etc. Refere-se ao ícone, pertencente à natureza da qualidade de sentimento. A haste na figura representa o estado de ser, o que é sem estar ligado a mais nada. Associa-se a expressões como intuição, instante, sentimento, espontâneo à primeiridade.

O **sinsigno** refere-se a índice; tem as características do real. A haste na figura neste caso representa algo "conectado" a alguma coisa. Aqui o sentimento se corporifica ou se encarna em algo. Refere-se a índice; tem as características do real referindo-se a Secundidade. "Sinsigno coisa ou evento existente e real que é um Signo por exemplo, todos os /o/ de um texto".

Legsigno é uma Lei que é um Signo. Traduz-se nos sinsignos, que são as suas "ocorrências"; exemplo: o artigo definido "o", que se traduz nos /o/ deste e de outros textos. Faz referencia ao símbolo, faz referência a uma representação mais ampla, em que algo pode estar com uma multiplicidade de relações, apontada pelas hastes em várias direções. É a instância em que se formam os conceitos e aponta para a terceiridade.

Contextualiza-se por meio do seguinte exemplo: uma criança na tenra idade (três anos mais ou menos), coloca o dedinho na tomada e recebe um choque elétrico, Nesse exata momento ela avista uma borboleta e entende que a borboleta que lhe causou o choque elétrico, então: **Qualisigno**: qualidade negativa (choque elétrico, sensação ruim) **Sinsigno**: a presença da borboleta – diferenciação da

borboleta de outros insetos. **Legisigno:** todas as borboletas provocam choque elétrico (Lei).

Mediante todo o exposto compreende-se que os signos podem ser analisados levando-se em consideração o signo em si, a relação do signo com o objeto e relação do signo com o Interpretante apontando para as três tricotomias e nove categorias.

Em suma, o objeto de investigação da Semiótica são todas as linguagens possíveis, descrevendo, analisando e interpretando a dimensão representativa dos processos e fenômenos comunicativos. Peirce dedicou-se a uma classificação global dos signos e suas teorias ganharam direitos de cidadania na Semiótica, mas a Semiótica é um campo de estudo vasto e aberto e segue em busca de sucessivas classificações.

3 METODOLOGIA

Os procedimentos técnicos desse estudo se valeram da pesquisa bibliográfica, compreendendo a que forma de investigação cuja resposta é buscada em informações contidas em material gráfico, sonoro ou digital estocadas em bibliotecas reais ou virtuais.

Conforme esclarece Xavier (2010), a pesquisa bibliográfica diz respeito ao referencial teórico ou fundamentação teórica, onde é identificado o significado de cada conceito-chave para a pesquisa e como estão relacionados entre si, em consonância com a linha de pesquisa e teoria adotadas pelo autor/pesquisador. Para tanto, foram consultados, em especial, apontamentos de Peirce (edições atualizadas de 2003 e 2005), Santaella (1983, 2003 e 2008), Souza (2006), entre outros.

Para apresentação dos resultados e discussões do estudo que tiveram com enfoque o aspectos semióticos da linguagem de sinais (LIBRAS), optou-se pela Revisão de literatura, o que se refere ao levantamento do assunto do tema pesquisado, abrangendo artigos, TCC's, dissertações ou teses com resultados de pesquisas, observando-se os pontos de vista diversificados, como por exemplo "**A constituição sgnica da LIBRA: uma proposta intersemiótica**", de Emílio Soares Ribeiro e Erica Santana de Sousa, da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (2012), **Análise Semiótica da Língua de Sinais** de autoria Elisa Maria Pivetta, Daniela Satomi Saito e Carla da Silva Flor.

A pesquisa apresentada é de natureza básica, padrão em TCC's, no âmbito da graduação, pois busca apenas aprofundar o conhecimento disponível na ciência. Quanto ao objetivo é de descritiva pois objetivou retratar as características do objeto estudado, expondo os fatos ou fenômenos, para estabelecer a natureza das relações delimitadas no tema.

Abordagem qualitativa foi a utilizada devido ao seu caráter subjetivo, pois o critério para a análise é valorativo e é o autor quem faz a análise dos dados coletados, buscando os conceitos, princípios, relações e significados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 TRANSCORRER HISTÓRICO DA LINGUAGEM DE SINAIS (LIBRAS)

A utilização e uso das mãos, dos sinais, ou seja, signo gestual para a comunicação humana na pré-história, foi substituída pela comunicação oral, pela palavra, provavelmente, segundo Reily (2004) quando os homens precisaram inventar uma alternativa para dialogar pois trabalhavam com as mãos e utilizando ferramentas.

A comunicação por sinais restringiu-se aos surdos e por muito tempo ocorreu de maneira informal. Segundo Goldfeld (1997), os surdos eram discriminados, excluídos, visto como pessoa primitiva que não poderia ser educada, isso com maior ênfase até o século quinze.

Somente a partir de 1760, que a educação para os surdos ganhou espaço na sociedade, através do professor Alemão Samuel Heinicke, o qual criou uma máquina para ensinar o surdo a "falar". De acordo com Reily (2004), ao invés de aproveitar a visão como sentido principal, ele propôs o paladar, associando sons vocálicos a sabores da seguinte forma: **A** com água; **E** extrato de losna; **I** com vinagre; **O** com água com açúcar; **U** com azeite; para os sons híbridos, fazia misturas dos sabores.

Também a partir de 1760, o francês abade L'Épée realizou um trabalho na educação de duas irmãs surdas mudando a metodologia passando a utilizar sinais que contemplassem conceitos abstratos. As duas irmãs aprenderam a escrever e a ler, a deficiência da metodologia residiu no fato de não haver uma gramática para apoiar o processo ensino aprendizagem (REILY, 2004).

Assim, algumas características da linguagem oral-como uma data entonação ou um questionamento- não são compreensíveis para a pessoa surda. Sem a utilização de uma gramática, apenas com sinais criados aleatoriamente para se comunicarem, fez-se necessário a criação de conceitos para dar sentido aos sinais, passando assim não somente a serem utilizados na comunicação, mas principalmente na educação dos surdos (AMARAL, 2017, p. 4).

Observando a comunicação entre as irmãs, o abade percebeu que elas se comunicavam de maneira fluente por sinais os quais ele aprendeu e foi adaptando à língua francesa, facilitando ensinar aos surdos, sendo então um dos primeiros a desenvolver a educação direcionada aos surdos segundo suas habilidades e

competências, revolucionando as possibilidades de educação, comunicação, interação e cidadania para os surdos, comenta Reily (2004, p. 116).

Dom Pedro II conheceu esse trabalho realizado no Instituto de Surdos de quando viajou para a França. Então trouxe para o Brasil o professor francês Hernest Huet para desenvolver metodologias voltadas para a educação dos surdos. Huet fundamentou seus métodos educacionais na Leitura labial, articulação da fala e auxílio da datilologia, tornando a língua de sinais francesa à base da Língua Brasileira de Sinais, ainda segundo Reily (2004).

Em 1857 fundou o Instituto Imperial dos Surdos-Mudos, atualmente Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES). Com o aumento dos diagnósticos de surdez a partir de 1960 houve o maior mais interessados em aprender LIBRAS. Então, no Brasil, língua gestual é denominada LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais (LBS). Enquanto a língua oral falada no país tem origem do idioma português, a LIBRAS tem origem na língua de sinais francesa considerada a língua natural e oficial dos surdos.

O bilinguismo para o surdo, ou seja, aprender a língua materna, para eles a linguagem de sinais, e a língua portuguesa, passou a ser um dos meios mais utilizados no processo de ensino-aprendizagem, conforme informa Goldfeld (1997).

Depois da fundação do Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES), no Instituto de Psicologia da USP pesquisas foram realizadas o que levou à criação do primeiro dicionário de LIBRAS, instrumento fundamental na educação dos surdos, editado em 2001. Em 2002 foi promulgada a Lei nº 10.436, reconhecendo legalmente a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como forma de expressão e comunicação dos surdos, garantindo sua inclusão e ensino nos sistemas educacionais.

A distância entre a pessoa surda e o conhecimento acadêmico, e a ausência dela nos espaços escolares, só reforça o mito, por causa da ignorância, de que a LIBRAS não é língua natural, ou é mera linguagem dependente das línguas faladas. Observando a complexidade dessa nova língua, necessitou-se de profissionais que auxiliassem na educação dos surdos, participando de cursos para conhecerem a LIBRAS, tornando possível aprender a língua portuguesa através da língua brasileira de sinais, desempenhando um papel de intermediador entre surdos e ouvintes (SANTOS, 2013, p. 3).

Apesar da regulamentação a LIBRAS precisa ainda de melhor sistematização em seu ensino por meio de cursos de formação de professores e de intérpretes da

língua, conforme Araújo et al. (2015, p. 9) isso através de instituições competentes para atuação nas escolas, promovendo-se assim efetivamente a inclusão dos alunos surdos.

O acesso das pessoas surdas ao ensino ainda é precário, não apresentando, portanto, bons resultados, pois há muita retenção nas séries iniciais, e faltam serviços de Educação Especial nas escolas comuns. Há ainda posições divergentes sobre a utilização de processos educativos de base oral ou gestual (LIMA, 2006, p. 60).

Segundo Dizeu e Caporali (2005, p. 588) “a língua de sinais representa um papel expressivo na vida do sujeito surdo, conduzindo-o, por intermédio de uma língua estruturada, ao desenvolvimento pleno”, o que facilitando assim, sua inclusão desde a escola ao ambiente de trabalho. Observa-se o alfabeto manual e numerais em LIBRAS:

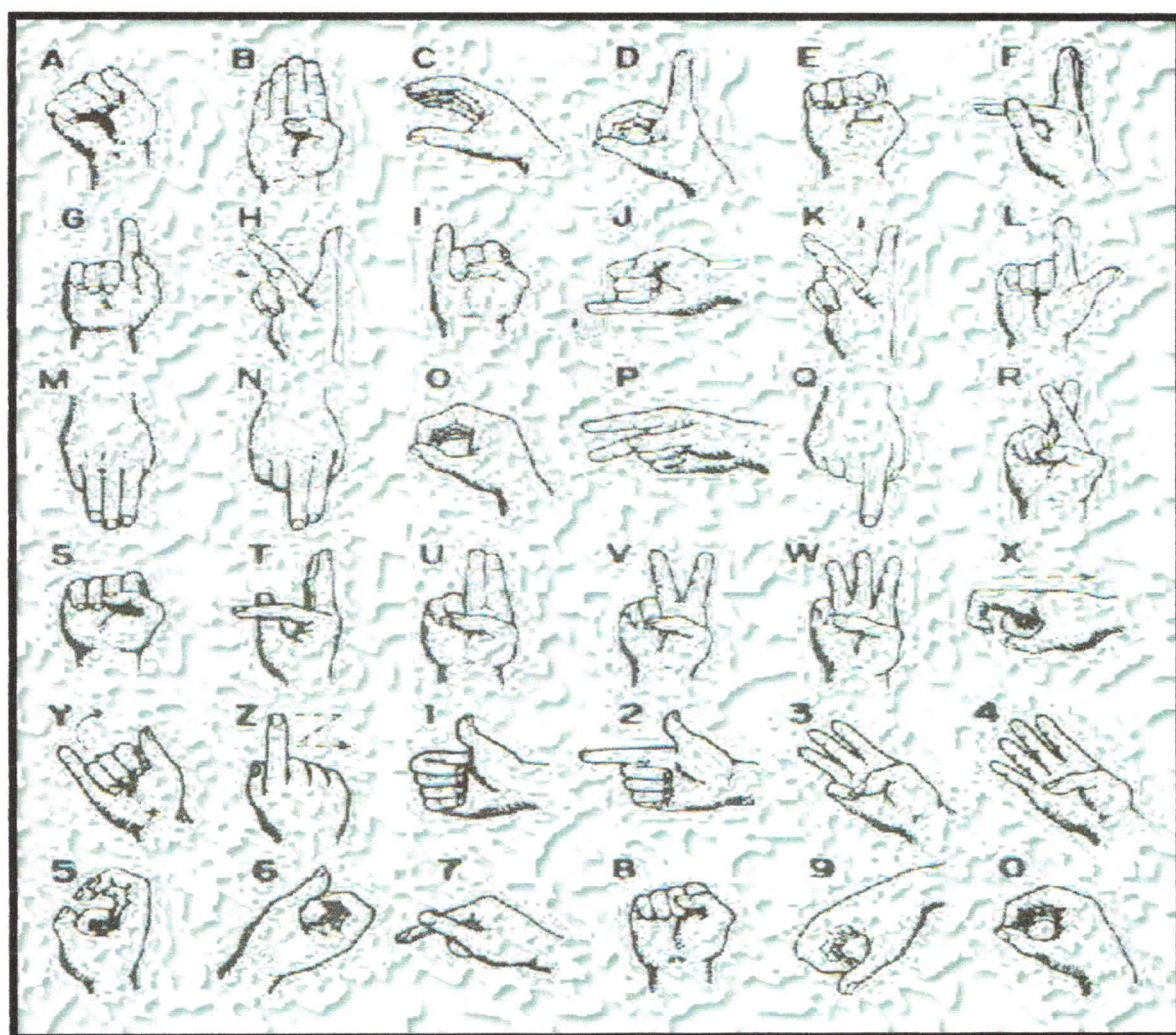


Ilustração 10 – Alfabeto em Libras. Fonte: <https://pt.slideshare.net/danimacedu/> (2019).

Marchesi (2004) diz que: o desenvolvimento da inteligência dos surdos é diferente da dos ouvintes. O principal dado em que se baseia é que seu pensamento está mais vinculado ao concreto e apresenta mais dificuldades para a reflexão abstrata. Essa constatação não impede que, em muitos testes de inteligência, especialmente naqueles com menor conteúdo verbal, os resultados obtidos pelos surdos sejam similares aos dos ouvintes.

Segundo Lima (2006), a LIBRAS é reconhecida como um instrumento fundamental para a comunicação e educação dos surdos, libertando-os do analfabetismo e possibilitando uma maior inclusão e independência diante da sociedade. Na atualidade, a LIBRAS além de ser utilizada na educação dos surdos, também é utilizada por outras pessoas com incapacidades ou distúrbios na fala para serem compreendidas.

Ações pautadas nos direitos humanos são propostas que respeitam as diferenças e promovem equidade a todas as pessoas independentemente de condições e diferenças. Compreender o intuito de documentos, como a Lei de Acessibilidade de nº 10.098 (2000), que garante ao indivíduo estar nos espaços de maneira equânime ou a Carta para o terceiro milênio (1999), que convida a humanidade a entrar em ação na tentativa de eliminar barreiras, inclusive atitudinais, e a Declaração de Salamanca (1994) que tem como meta a inclusão social, é reconhecer a necessidade de novas posturas e compreensões.

A educação inclusiva vem sendo inserida nas culturas mundiais a fim de resgatar a humanização e nessa perspectiva, a legislação educacional vigente - Lei de Diretrizes e Bases – LDB nº 9.394/96, cuja máxima é educação para todos e especificamente no capítulo V que explica e sugere a inclusão de alunos com necessidades especiais preferencialmente no ensino regular e considerando políticas internacionais que comungam o desejo de minimizar ações excludentes, (substrato eficaz no sustento de preconceitos justificando desigualdades), tem sido elementos norteadores para as novas práticas na educação bem como em outros segmentos sociais.

Sendo assim, a sociedade vivencia mudanças significativas no que tange as interações com as pessoas diferentes. Entender a inclusão da pessoa surda equivale pensar em comunicação como fator imprescindível para expressão do pensamento, percepção e interação com o universo que cerca a todos, e, portanto, questão primordial para que tal inclusão aconteça.

De acordo com o decreto de nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005, a pessoa surda tem direito a um intérprete em todos os segmentos sociais bem como um atendimento que contemple sua condição considerando o fator língua, no entanto, existem muitas dúvidas que envolvem a inclusão de surdos e a LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais.

Profissionais de várias áreas de atuação não se sentem preparados para desenvolver um trabalho que atenda a pessoas com surdez. Por compartilhar do desejo de igualdade de oportunidades e atentando para a necessidade da difusão da Língua Brasileira de Sinais e todo seu entorno, o I Fórum Regional de LIBRAS (2009) a partir das presenças de coordenadores, profissionais da educação, educação especial, instrutor, intérprete, alunos do curso de Extensão em LIBRAS, alunos do curso de Pedagogia e demais convidados envolvidos com a inclusão de surdos, abordou o tema: “LIBRAS e a Inclusão de Surdos”, nos aspectos legais, sociais e culturais.

Além de atingir o mencionado propósito, o evento proporcionou uma mostra de que a inclusão de pessoas surdas é possível, uma vez que, o direito dos surdos presentes em receber informações em sua língua materna foi legitimado. Essa legitimidade só foi possível porque os ideais de igualdade, desejados por todos e postulados nas Leis, encontraram suporte no conhecimento advindo da pesquisa, da observação e de estudo próprio do espaço acadêmico que transforma barreiras em rampas, promovendo acessibilidade.

É importante mencionar também o decreto de nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Este Decreto regulamenta a Lei de nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de sinais e o artigo 18 da Lei de nº 10.098 de 10 de dezembro de 2000. O referido Decreto, regulamenta sobre a inclusão de LIBRAS como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições públicas e privadas e como disciplina opcional nos demais cursos de educação superior e na educação profissional.

Especifica também, o uso e a difusão da LIBRAS e da Língua Portuguesa para o acesso das pessoas surdas à educação, como deve ser a formação do professor e do instrutor de LIBRAS, para que os mesmos possam atuar em cursos e eventos; ressalta que as instituições educacionais devem garantir às pessoas surdas

acesso a comunicação, à informação, nos processos seletivos e na educação desde a educação infantil até a superior, dando-lhes condições de atuar na sociedade.

O mesmo fala também da garantia do direito à saúde das pessoas surdas ou com deficiência auditiva, tais como ações de prevenção e desenvolvimento de programas de saúde auditiva, realização de diagnósticos, tratamentos clínicos, acompanhamento médico, reabilitação, entre outros. E ainda, dispõe sobre o papel do poder público e das empresas concessionárias de serviço público que deverão capacitar uma parcela de seus funcionários para usar e interpretar LIBRAS, proporcionando um atendimento diferenciado aos portadores de necessidades especiais, no caso, a surdez.

O decreto acima mencionado é de suma importância, pois evidencia alguns direitos das pessoas com necessidades especiais auditivas e podemos perceber que a verdadeira inclusão acontece. Fica evidenciado a preocupação do poder público com as pessoas que apresentam parcial ou totalmente deficiência auditiva e legislar alguns direitos em prol dessas pessoas.

A conquista deste direito traz impactos significativos na vida social e política da nação brasileira. O provimento das condições básicas e fundamentais de acesso à LIBRAS se faz indispensável. Requer o seu ensino, a formação de instrutores e intérpretes, a presença de intérpretes nos locais públicos e a sua inserção nas políticas de saúde, educação, trabalho, esporte e lazer, turismo e finalmente o uso da LIBRAS pelos meios de comunicação e nas relações cotidianas entre pessoas surdas e não-surdas.

Também existe o Símbolo Internacional da Surdez, decretado pela Lei de nº 8.160 - de 08 de janeiro de 1991. É obrigatória a colocação, de forma visível, dele em todos os locais que possibilitam acesso, circulação e utilização por pessoas portadoras de deficiência auditiva, e em todos os serviços que forem postos à sua disposição ou que possibilitem o seu uso.



Ilustração 11 – Símbolo da surdez Fonte: <http://www.unifenas.br/extensao/> (2019)

4.2 ASPECTOS SEMIÓTICOS DA LINGUAGEM DE SINAIS (LIBRAS)

A linguagem representa a forma de comunicação do homem e se constitui através da Leitura, da escrita, de formas, volumes, forças, movimentos, imagens, sinais, luzes, sons, gestos, expressões, entre outras maneiras. Conforme FIORIN (2010), a linguagem é a construção do pensamento e todos os recursos formais da linguagem servem para criar sentido, num processo de organização e informação.

Segundo Filho (2008), a língua é parte inerente do ser humano para comunicar-se, tanto de forma oral, quanto escrita ou gestual, modalidade essa considerada uma língua visual que utiliza sinais e expressões faciais e corporais para a comunicação.

Pivetta et al. (2012) afirma que a visão, a audição, o tato, o olfato ou o paladar têm a capacidade de perceber elementos expressivos, visto que as formas de expressão de linguagem podem ser sons, gestos, expressões faciais e corporais, entre outros, e, vão receber significação desde que percebido pela mente do indivíduo, reconhecido por associação, por experiências, estabelecendo relações de semelhança ou comparação.

De acordo com Quadros (2009), os gestos são visuais e representam a ação dos atores que participam da interação por meio da imitação do ato simbolizando as relações com as coisas. As línguas de sinais aproveitam esse potencial dos gestos trazendo-o para dentro da língua sinais visuais que representem palavras, envolvendo a organização da língua.

Então, na modalidade gestual, a LIBRAS é considerada uma língua visual que utiliza sinais, expressões faciais e corporais para a comunicação. A língua gestual no Brasil é conhecida como Língua Brasileira de Sinais (LBS) ou simplesmente LIBRAS, a língua natural e oficial dos surdos.

A língua de sinais dá voz às mãos dos surdos promovendo integração educacional, nas relações de trabalho, melhor relacionamento interpessoal, enfim, interagir “com outros sujeitos e construir a sua linguagem, condição imprescindível para que o indivíduo possa apropriar-se da cultura e se constituir como sujeito”. Ainda de acordo com Lima (2006, p. 68) a língua de sinais é:

- Uma linguagem viso-espacial;
- Os gestos são visuais;

- Os gestos representam a ação dos atores que participam da interação por meio da imitação do ato simbolizando as relações com as coisas;
- Tem parâmetros próprios;
- Traçados no espaço para serem vistos.

Mais especificamente, de acordo com Quadros (2009), os gestos são visuais e representam a ação dos atores que participam da interação por meio da imitação do ato simbolizando as relações com as coisas e os sinais criados pelos próprios surdos de acordo com os seus conhecimentos, ou seja, o potencial dos gestos foram sendo vinculados a conceitos que facilitaram a construção gramatical dos sinais.

A LIBRAS, sendo um sistema linguístico que possui estrutura gramatical própria, com capacidade de reproduzir visualmente os objetos, leva os linguistas a classificarem de acordo com características de **iconicidade e arbitrariedade**, estudos que remontam ao trabalho de Peirce que estudou a natureza dos signos sob o enfoque da tríade **representâmen-objeto-interpretante**.

Conforme Quadros (2009), a **iconicidade** da Língua de Sinais está na capacidade de reproduzir a forma dos objetos, seus movimentos e relação espacial, permitindo a motivação entre o signo e o objeto. Um sinal pode ser interpretado e significado a partir da figuratividade.

Silva (2009) chama a atenção para o fato de objetos ou movimentos que dão origem ao o sinal pode variar no tempo, perdendo a sua motivação inicial, como por exemplo, é o sinal "Leite" que faz referência ao ato de ordenha Manuela, que hoje ainda pode ser considerado um sinal icônico. A motivação de sua representação pode tornar-se tornar uma convenção, o que faz com que o sinal passe a ser arbitrário e de valor simbólico. Sinais como o de "Leite" são frutos de um processo histórico e com o passar do tempo não representam mais os conhecimento geral de uma sociedade.

Embora o ato da ordenha possa não vir a ser reconhecido pelas futuras gerações, isso não trará maiores consequências para o sinal "Leite", que já está convencionalizado e aceito pela cultura. Por outro lado, se esse mesmo sinal for introduzido para um grupo que não conhece a língua de sinais e for capaz de despertar nestes interpretantes o reconhecimento do objeto, então o sinal está atuando pela via da iconicidade porque, nesse caso, o não conhecimento prévio sobre o sinal faz com que ele só seja interpretado pela sensação de semelhança com o objeto e não pela convenção (PIVETTA; SAITO; FLOR, 2012, p. 267).

Pode haver, contudo, sinais com diferentes graus de iconicidade. Um sinal pode não se assemelhar ao objeto que representa pela forma, mas apresentar, de alguma forma, uma similaridade por meio de expressões faciais ou movimentos. Observa-se exemplos oferecidos por Frydrych (2012):

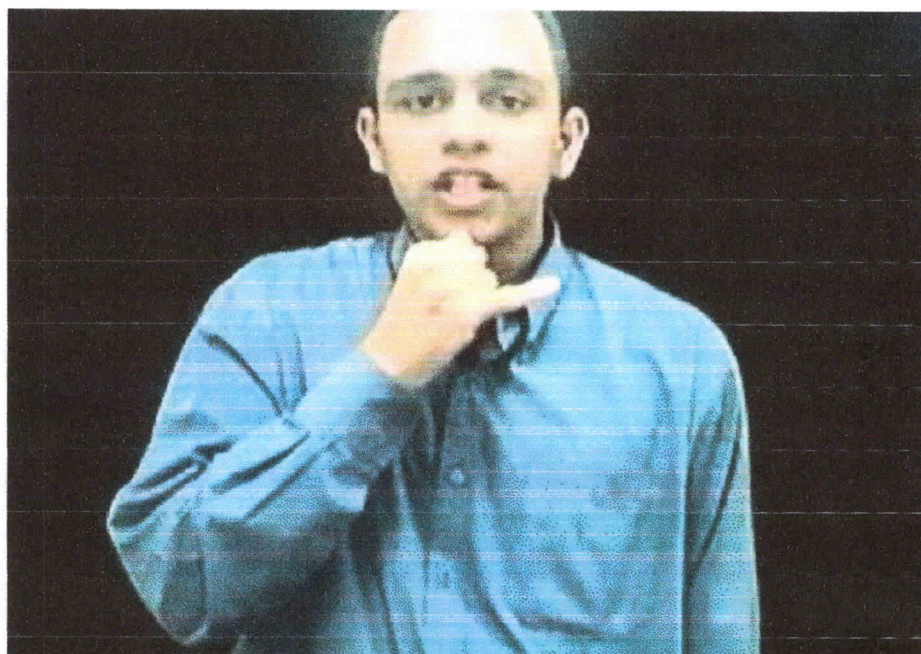


Ilustração 12 – Sinal de triste. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=3sTK58HWIFM/> (2019).

- O sinal “triste”, possui como configuração de mão o sinal “Y”, localizada abaixo do queixo, em movimento de meia lua. O sinal nada tem a ver com o que a palavra representa, no entanto, a expressão facial de tristeza que acompanha o sinal, dá indícios de que seu significado pode não ser muito agradável.
- O sinal de casa”, motivado pelo formato do telhado de uma casa é também usado para o sinal de “morar” que pode ser usado para “moradia” em diferentes formatos de residência, como por exemplo, casa, apartamento, cabana etc. Embora o sinal possa ter sido motivado na sua criação por um tipo de casa, passou a ser usado de forma muito mais abrangente. Sendo isto muito comum nas línguas de sinais.

A **arbitrariedade** é fundamental para a constituição de um sistema linguístico, sendo uma característica presente tanto nas línguas orais como nas gestuais. Para que passe a constituir uma língua, deve passar por um processo de aceitação, ou

seja, uma convenção social entre os falantes de uma língua. Portanto, mesmo que um sinal tenha uma motivação icônica, para que seja considerado como parte da língua deve estar no nível simbólico na teoria de Peirce.

A **iconicidade**, na modalidade visual-gestual se dá pela representação que se constrói pelo movimento das mãos, corpo e expressões faciais. Esses elementos, os chamados classificadores, podem ser utilizados para representar características visuais de objetos singulares, trajetórias, mas também relações entre elementos em uma dada situação.

De maneira geral, partindo-se das informações prestadas por Pivetta et al. (2012) compreende-se, quanto à arbitrariedade e iconicidade da língua de sinais, que muitos dos sinais são considerados icônicos por serem semelhantes quanto à forma dos objetos que representam, com algumas exceções, conforme na tríade de Peirce.

Em um primeiro momento, os sinais foram criados baseados na similaridade, despertando a sensação de reconhecimento do objeto pelo interpretante, mas com o passar do tempo esses sinais se tornaram convencionais, estabelecendo uma língua, e passaram a provocar no interpretante não mais o reconhecimento do objeto, mas o reconhecimento do sinal que representa o objeto.

Nas línguas de sinais existem os chamados classificadores, utilizam o desenho do objeto para representá-lo, delineando no ar os contornos, as formas e as espessuras do objeto, utilizando para isso algumas expressões faciais já convencionalizadas. Esses classificadores estariam mais próximos do que Peirce definiu como ícones, porque não são representados por todos os "falantes" da língua de uma mesma maneira, necessitando provocar no interpretante a sensação de reconhecimento do objeto.

No que tange aos Aspectos Semióticos da LIBRAS, pode-se afirmar que, assim como a linguagem verbal, todos os seus sinais são signos, pois são imagens capazes de substituir em ausência seu objeto. Tais sinais são entidades complexas que carregam em si o poder de representar seu objeto por convenção social (símbolo).

A LIBRAS, como língua natural, pertence a várias comunidades surdas existentes em um país, e por isso tem como marca irrefutável a variedade linguística, característica que atribui a convenção um valor indispensável. É neste ponto que

pode-se verificar que não é apenas a semelhança com o objeto que determina a representação do sinal, mas principalmente a prática social.

Contudo não se pode ignorar que a iconicidade é ferramentas útil e marcante na elaboração dos sinais, fato pertinente dada ao caráter de língua viso-espacial. O poder de representação de um signo torna-se possível devido a sua composição, sua estrutura interna; um signo é composto de três partes: Fundamento, Objeto e Interpretante. Na LIBRAS, o Fundamento de um sinal é uma lei, a convenção social que atribui aos gestos o valor de elemento linguístico, e, para esta atribuição, é necessário o estabelecimento de parâmetros, características que permitem a transformação de um simples gesto em símbolo (sinal).

O Objeto Imediato dos sinais é a sua aparência, sua forma, a tentativa de semelhança. Representa a ação do emissor na execução do sinal de acordo com a percepção do intérprete. Já o Objeto Dinâmico consiste na própria execução do sinal, a maneira como este emissor posicionou as mãos, como se expressou, seu movimento, tudo aquilo que o intérprete foi capaz de perceber e o que ele não conseguiu capturar, incluindo o contexto no qual este sinal foi produzido.

Ao Interpretante Imediato atribui-se a característica de ser aquilo que o intérprete inferiu na simples observação do objeto. Quando o intérprete olha para um sinal, ele é capaz de deduzir que aquele "gesto" pertence a LIBRAS, ou a uma língua de sinais, ou, no mínimo, que aquele "gesto", enquanto desconhecido, tenta expressar algo, tem uma função comunicativa, pois mesmo que este intérprete não tenha conhecimento acerca da LIBRAS, a execução de um sinal provocará algo, seja encantamento, curiosidade, ou um significado particular baseado em sua lógica. Já o significado real, ou seja, aquele significado convencionado para cada sinal representa o Interpretante Dinâmico.

Este interpretante é o efeito desejado, a resposta esperada para que haja comunicação, ocorre quando o emissor, ao realizar o sinal ABACATE ou TRISTEZA, por exemplo, encontra no receptor a compreensão daquele sinal. Este receptor entende que aqueles sinais não representam o signo goiaba ou vergonha, ou pensa na possibilidade de que aqueles signos representem colher ou fome, mas compreende serem eles, tão somente, a representação da fruta abacate e do sentimento tristeza, uma significação reconhecida por convenção.

A análise sobre os aspectos semióticos da LIBRAS há ainda considerações a serem realizadas ao que se refere às tricotomias apresentadas por Peirce quanto à

relação do signo com seu objeto (icônico, indicial e/ou simbólico). A iconicidade está presente na LIBRAS quando seu sinal apresenta semelhança com o objeto que representa, esta semelhança pode referir-se a um ou mais aspectos como forma, ação ou até mesmo através da soletração manual.

O caráter indicial existe quando há no signo presença de marcas, vestígios ou contiguidade do próprio objeto. O índice está nos sinais que possui uma relação concreta, isto é, causal, com o que representa, como nos sinais que apresentam expressão facial. Por fim a semiótica Peirceana trata do aspecto simbólico como obra da lei, expressão cultural, característica presente em todos os sinais da LIBRAS, uma vez que esta língua constitui sistema linguístico independente e natural marcado por variações geográficas.

Na LIBRAS, esses sinais são convencionados, de forma que se o movimento for alterado, seu significado também é alterado. Como exemplo, temos o sinal de esperar e parar, ambos possuem a mesma configuração de mão em letra “s” e estão no mesmo ponto de articulação, o pulso. A diferença entre eles é que o sinal de esperar bate três vezes no pulso, e parar, apenas uma. Segue abaixo:

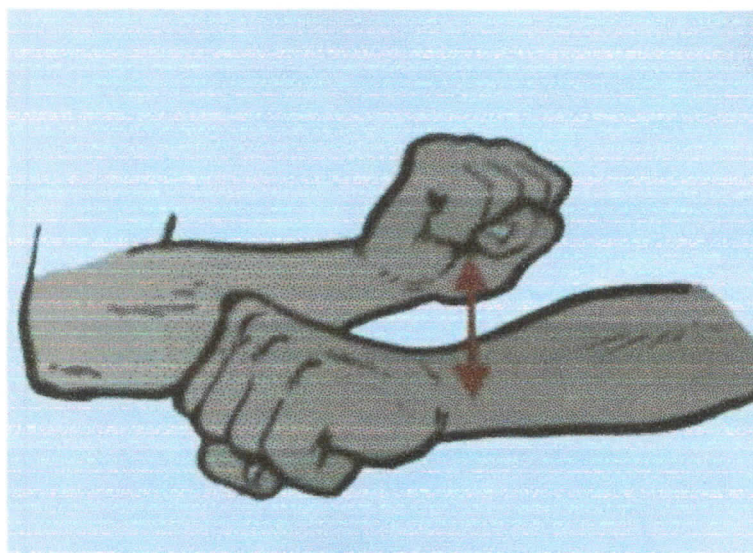


Ilustração 13 – Sinal de esperar. Fonte: <https://repositorio.ucb.br/jspui/bitstream/> (2019).

O movimento não interfere somente no significado dos sinais, mas interfere, principalmente, na relação com o tempo. Segundo a proxêmica, o movimento é a forma que o indivíduo se comporta em um determinado espaço. A relação entre o tempo e o movimento está na postura corporal, e acontece em três momentos: no presente, a postura é reta e os movimentos são feitos apenas com cabeça e

membros; no passado, o corpo se projeta para trás; e no futuro, o corpo é projetado para frente para indicar que algo ainda acontecerá.

Além dos movimentos, a língua de sinais possui outros parâmetros importantes como as expressões faciais e corporais e as configurações de mãos. Esses parâmetros expressam as subjetividades do indivíduo. Essa linguagem silenciosa é estudada pela cinésica, na língua de sinais, a combinação de todos os parâmetros resultam em uma informação completa, mostrando que apenas o gestual é capaz de produzir sentido e consegue substituir uma linguagem verbal.

Embora a língua de sinais seja uma língua totalmente independente, é necessário que contexto da informação seja levado em consideração para uma comunicação eficaz. Existem sinais que são chamados sinais polissêmicos, esses sinais dependem da composição do pensamento, da totalidade, dos demais parâmetros. Como exemplo, existe o sinal de “sábado” e de “laranja”, ambas estão com a configuração de mão em “c”, próximas a boca, abrindo e fechando. Nesse exemplo, não há alteração do movimento como no anterior, necessitando de outros sinais para explicá-lo, resultando em um processo de semiose.

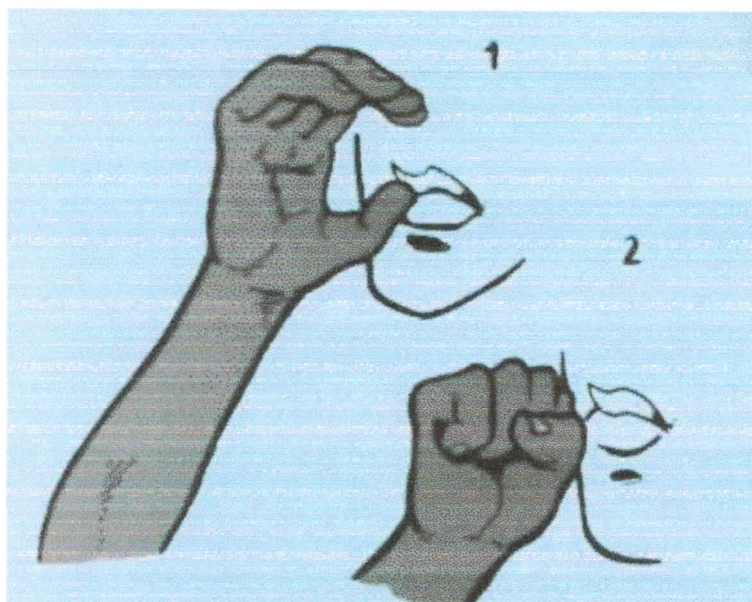


Ilustração 14 – Sinal de sábado. Fonte: <https://repositorio.ucb.br/jspui/bitstream/> (2019).

A percepção da realidade dos surdos é captada, principalmente, pela visão. Essa experiência visual faz com que alguns sinais utilizados pela comunidade surda sejam entendíveis pelos ouvintes, pois são sinais convencionados, que remetem à qualidade física do referente. Segue exemplo do sinal de “casa”:

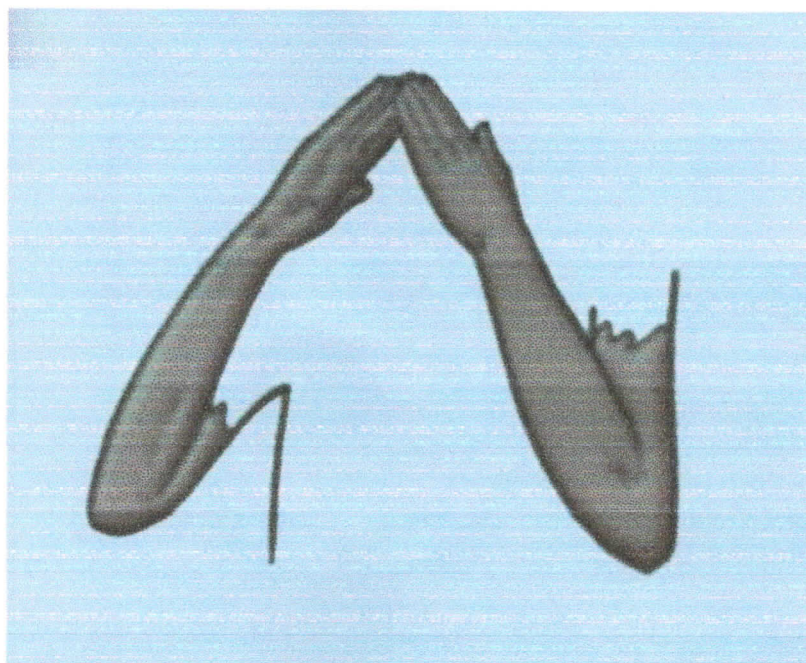


Ilustração 15 – Sinal de casa. Fonte: <https://repositorio.ucb.br/jspui/bitstream/> (2019).

Em suma, a Língua de Sinais possui um código completo no processo comunicação. O sujeito surdo, por sua vez, expressa a subjetividade do imaginário da comunidade por meio do corpo, da linguagem não verbal. Sintoma, em sentido restrito, é o indício de algo que o mantém em ação, e faz parte da condição humana do ser. A expressão do corpo se torna sintoma de cultura dos surdos, onde as subjetividades da comunidade estão envolvidas. A análise do processo semiótico consiste na verificação e apresentação dos mecanismos de representação que a LIBRAS utiliza na tradução dos fenômenos semióticos, ou seja, como as imagens, os sentimentos e as concepções presentes a sua volta são representados nesta língua viso-espacial; traçando assim o percurso que vai desde a percepção do objeto semiótico até a construção do significado.

5 CONCLUSÃO

No contexto da LIBRAS, os signos também são os sinais que compõem essa língua e seu processo de significação também se dá pela dinâmica entre os representâmes, o objeto e o seu interpretante, e, seus signos também possuem as qualidades representativas do ícone, índice e símbolo.

Tanto a arbitrariedade quanto a iconicidade são noções importantes para que se considere as línguas de sinais como língua. A arbitrariedade, característica presente tanto nas línguas orais como nas gestuais, é fundamental para a constituição de um sistema linguístico.

Para que passe a constituir uma língua, deve passar por um processo de aceitação, ou seja, uma convenção social entre os falantes de uma língua. Portanto, mesmo que um sinal tenha uma motivação icônica, para que seja considerado como parte da língua deve estar no nível simbólico expresso na teoria de Peirce.

A iconicidade na LIBRAS se dá pela representação que se constrói pelo movimento das mãos, corpo e expressões faciais, elementos que são denominados classificadores. Os classificadores representam características visuais de objetos, e também relações entre elementos em uma dada situação. Nesse contexto, podem ser identificados diferentes graus de iconicidade pela combinação de elementos visuais.

Por meio da pesquisa realizada compreendeu-se que a LIBRAS é uma língua de integração dos surdos na sociedade, mas reflete-se que as conquistas alcançadas pelos surdos só se efetivaram por completo na área educacional com a presença de mais docentes com conhecimento de LIBRAS, que atuem como intérpretes mediadores.

Ficou claro também que a LIBRAS não é mímica ou simplesmente gestos. LIBRAS é uma língua, visto que possui elementos linguísticos de uma língua, composta pelos níveis fonológico, morfológico, sintático e o semântico e, sendo uma língua como qualquer outra tem modificações com o surgimento de novos sinais.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Sâmia Carvalho do. **O surgimento da LIBRAS e sua importância na comunicação e educação dos surdos**. Universidade Federal do Piauí. Conedu – IV Congresso de Educação. Editora Realize. 2017.
- ARAUJO, Danielle Mirelli da Silva; SILVA, Marcelle de Castro; SOUSA, Wilma Pastor de Andrade Sousa. **A influência da LIBRAS no processo educacional de estudantes surdos em escola regular**, 2015.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Semiótica no Brasil e na América do Sul: rumos, papéis e desvios**. USP. Rev. Est. Ling., Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. , jan./jun. 2012.
- BRASIL. **Leis, Decretos e Portarias**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12907. Acesso em: 13 jan. 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Direito a Educação: subsídios para gestão dos sistemas educacionais/ orientações gerais e marcos legais**. Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2004.
- FILHO, Milton Chamarelli. **Linguagem, Cultura e Cognição: uma abordagem linguístico-semiótica**. Unioste, 2018.
- DEL VILLAR, Rafael. **A Semiótica no Chile**. *Signa. Revista da Associação Espanhola de Semiótica*, n. 7, 1998.
- DIZEU, Liliane Correia Toscano de Brito; CAPORALI, Sueli Aparecida. **A Língua de Sinais Constituindo O Surdo Como Sujeito**. Campinas, v.26, n.91, mai/ago. 2005.
- FIDALGO, António; GRADIM, Anabela. **Manual de semiótica**. UBI – Portugal, 2004-2005. Disponível em: <http://www.ubi.pt>. Acesso em: jan. 2019.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução à linguística: objetos teóricos**. 6 ed., São Paulo: Contexto, 2010.
- GOIS, Jackson; GIORDAN, Marcelo. **Semiótica na química: a teoria dos signos de Peirce para compreender a representação**. Disponível em: <http://qnesc.s bq.org.br/online/cadernos/07/a06.pdf>. Acesso em 9 jan. de 2019.
- GOLDFELD, Marcia. **A Criança Surda: linguagem e cognição numa perspectiva sóciointeracionista**. São Paulo: Plexus, 1997.
- HJELMSLEV, Louis. **Prolegomena a uma teoria da linguagem**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1975.
- LIMA, Priscila Augusta. **Educação Inclusiva e Igualdade Social**. São Paulo: Avercamp, 2006.

- MACÊDO, Daniela. **Projeto de interface – Semiótica**. 2014. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/danimacedu/semitica-32763294>. Acesso em jan. 2019.
- MARCHESI, ALVARO. **Desenvolvimento e Educação das Crianças Surdas**. In: Desenvolvimento psicológico e educação: transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais. Neres, C. 2. ed. 3 v. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- MENDES, Antônio Celso. **Semiologia e semiótica: o mundo cultural dos símbolos**. PUC- Paraná. 2004.
- MOIMAZ, Érica Ramos; MOLINA Ana Heloísa. **A contribuição da semiótica peirceana para análise da pintura histórica**. UEL. Londrina- Paraná, 2009.
- NÖTH, Winfried. **Manual de Semiótica**. Bloomington: 1995.
- NÖTH, Winfried. **Panorama da semiótica: de Platão a Peirce**. 4ª ed. São Paulo: Annablume, 2005.
- PIGNATARI, Décio. **Semiótica & Literatura**. 6 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
- PIVETTA, Elisa Maria; SAITO, Daniela. Saito; FLOR, Carla da Silva. **Análise Semiótica da Língua de Sinais**. UFSC. Campina Grande. Realize Editora, 2012.
- QUADROS, Ronice Müller de. **Língua Brasileira de Sinais I**. Florianópolis, 2009.
- REILY, Lucia. **Escola inclusiva: Linguagem e mediação**. São Paulo: Papyrus, 2004.
- RIBEIRO, Emílio Soares; SOUSA, Erica Santana de. **A constituição sógnica da LIBRAS: uma proposta intersemiótica**. UERN, 2012. Disponível em: <http://www.gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-pdf>. Acesso em mar., 2018.
- SANTAELLA, Lucia. **Que é Semiótica**. Editora: Brasiliense. Ed. de 1983, 1984, 2000, 2003, 2005 e 2008.
- SANTOS, Wasley de Jesus. **Ambiente de Ensino-aprendizagem da LIBRAS: o AEE para alunos surdos**. 11.ed. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2013.
- SILVA, Gleice Lane de Araújo. **Mãos cheias de palavras num corpo que fala: o discurso figurativo do sujeito surdo**. UFES, Vitória, 2009.
- SIMÕES, Darcília. **Iconicidade e Verossimilhança. Semiótica aplicada ao texto verbal**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2007.
- SOUZA, Licia Soares de. **Introdução às teorias semióticas**. Petrópolis, RJ; Editora Vozes, 2006.
- XAVIER, Antonio Carlos. **Como fazer e apresentar trabalhos científicos em eventos acadêmicos**. Recife: Rêspel, 2010.